

Inventário de Bens da Igreja de Santa Margarida (séculos XVIII e XIX)

Cristiano Cardoso*

Resumo

Este livro, procedente da paróquia de Lousada (Santa Margarida) e actualmente depositado no Fundo Paroquial do Arquivo Distrital do Porto, conserva um conjunto muito importante de documentos, que se constituem como fontes de grande valor para um melhor entendimento da História Local. Uma das partes deste livro, designada por *Primeyro Titollo* reúne os inventários *de móveis, peças e ornamentos assim da Igreja como das Confrarias e Cappellas*, executados pelos sucessivos párocos colocados nesta freguesia. Para além deste arrolamento de bens, há também notas relativas a obras e melhoramentos feitos pelos mesmos padres, acompanhadas das respectivas despesas. Neste artigo será publicada a transcrição apenas do *Primeyro Titollo*, com uma muito breve apreciação ao documento e uma resumida abordagem à história da freguesia.

Abstract

This book, derived from the Parish in Lousada (Santa Margarida), and currently kept in the Parish Fund of the Oporto District Archive, preserves a very important group of documents sources of great value for a better understanding of the Local History. One of the parts of this book, entitled *Primeyro Titollo* gathers the inventories of *furniture, pieces and ornaments both from the Confraternities as well as from the Chapels*, worked out by the successive priests set in this parish council. Besides this list of goods, there are also some notes related to works and improvements made by the same priests, along with the due costs. In this article it will only be published the quotation of the *Primeyro Titollo*, with a short appreciation on the document and a summed up approach to the history of the parish council.

* Técnico Superior de Ciências Históricas do Pelouro do Património Histórico da Câmara Municipal de Lousada.

1. Introdução

Com este trabalho pretende-se iniciar um ciclo de divulgação de fontes históricas para o desenvolvimento da História Local. Disponibilizar, para investigadores e público em geral, um conjunto, quanto maior possível, de fontes documentais é, manifestamente, uma das missões do Sector do Património Histórico da Câmara Municipal de Lousada. Este objectivo tem vindo a ser desenvolvido, ao longo dos últimos anos, por vários técnicos que trabalharam e trabalham neste gabinete.

São já vários os trabalhos de transcrição desenvolvidos, todos de capital importância para um mais aprofundado conhecimento da História da região e do concelho de Lousada. Embora estes sucessivos trabalhos ainda não tenham sido divulgados ao grande público, os mesmos têm sido amplamente difundidos por escolas do concelho e disponibilizados aos investigadores, subsidiando inúmeros estudos e cumprindo, deste modo, o seu primordial objectivo.

Com a publicação deste inventário de bens da igreja de Santa Margarida procura-se dar corpo a este desígnio e fomentar, junto da população, o gosto pela História Local, imprimindo especial atenção às questões da preservação e valorização do património local.

2. O Documento

2.1. Análise do códice

O livro, proveniente do Arquivo Distrital do Porto, Fundo Paroquial, da freguesia de Lousada (Santa Margarida), com a cota E/12/3/5, contém,

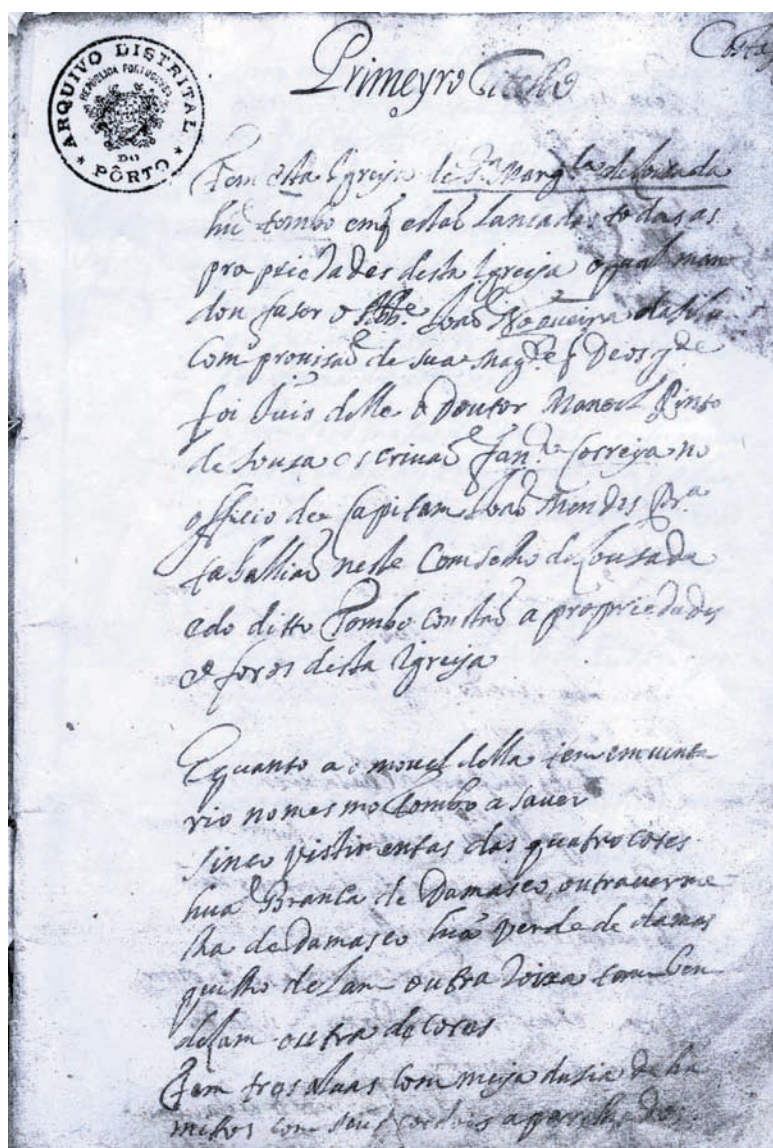


Figura 1. Fólio 2, contendo o início do Primeyro Capitulo

no seu *Primeyro Titollo*, vários documentos distintos e realizados em momentos diferentes, com datas compreendidas entre 1709 e 1865 (Fig. 1).

Os vários documentos que o compõem foram lavrados no cartório paroquial da igreja de Santa Margarida pelos vários padres que aí exerceram o seu ministério, desde a abertura do livro, até ao momento em que o mesmo deixou de ser utilizado. Na redacção destes documentos não era habitual a presença de testemunhas, no entanto, no *Inventário* do padre Feliciano José Alvares Ferreira de Magalhães aparecem a assinar mais dois párocos.

A letra é caligráfica com situações pontuais de encadeamento, mais frequentes no documento do padre João Nogueira da Silva (1709) e mais esporádicas no inventário do padre João de Beça Ferreira. Os restantes não apresentam situações de encadeamento. São utilizadas, frequentemente, abreviaturas.

O documento estende-se ao longo de 17 fôlios, em papel, escrito no rosto e no verso, à excepção dos fôlios 1v e 16v, que estão em branco. Tem as dimensões de 30 x 23 cm e está encadernado em pergaminho. A paginação vem assinalada no canto superior direito do rosto de cada fôlio e rubricado com o nome “Costa”.

Não tem letras ornamentadas. Somente as maiúsculas têm um tratamento mais cuidadoso e desenhado.

2.2. O Conteúdo

Todos os documentos presentes neste livro são originais, escritos pela própria mão dos párocos que, no período correspondente, estiveram a desempenhar o seu cargo na paróquia de Santa Margarida.

São, essencialmente, inventários de bens e peças da igreja que os padres, por determinação diocesana, faziam, normalmente, no princípio do seu ministério. Embora na abertura do documento se faça referência à existência de um Tombo de Bens e Propriedades, o mesmo não está presente neste livro, mas sim num outro, pertencente ao mesmo fundo paroquial, que já começamos a analisar e a transcrever e que, noutra oportunidade, iremos tratar com profundidade.

Assim, temos um primeiro inventário, que se segue imediatamente à abertura do livro, e que, em nosso entender, terá sido executado logo no ano de

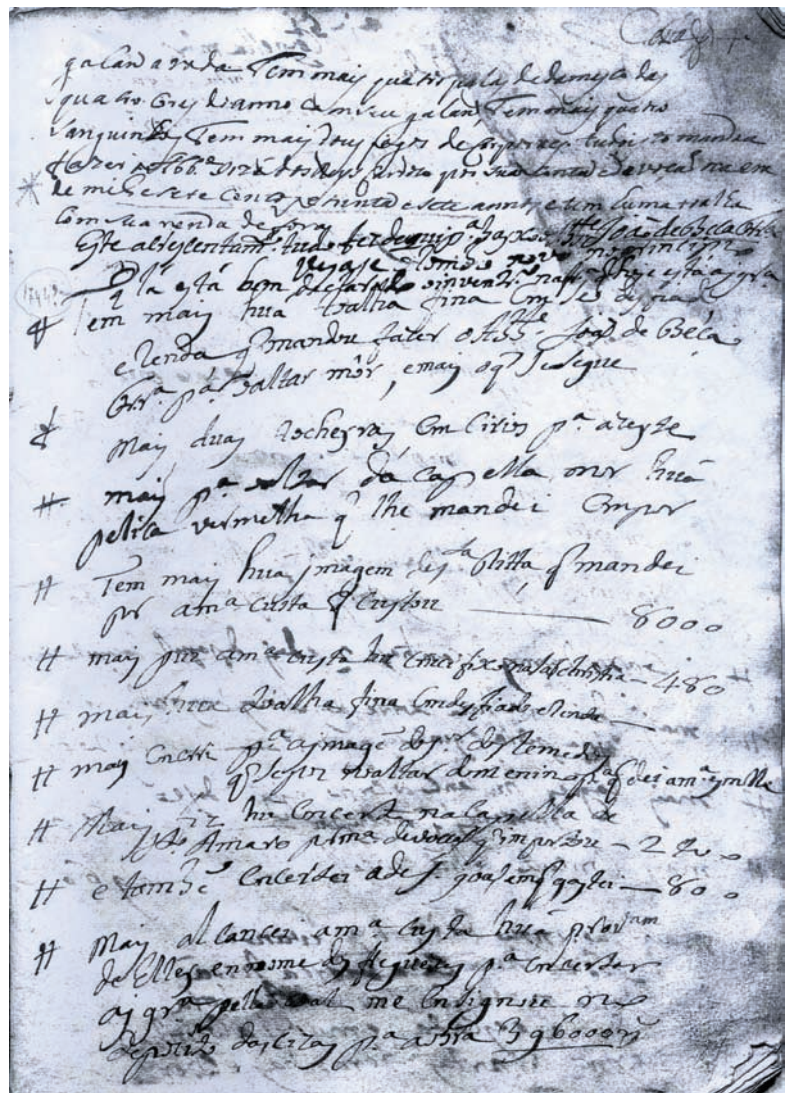


Figura 2. Fôlio 4. Contém o início do inventário executado pelo padre João de Beça Ferreira.

1709 pelo padre João Nogueira da Silva – precisamente o pároco que obteve uma provisão régia para mandar fazer o Tombo de 1709.

Ao fôlio 3 verso encontramos uma caligrafia diferente que se estende até à 6.ª linha do fôlio 4. Este pequeno arrolamento de peças da igreja, essencialmente alfaia litúrgica e paramentaria, parece-nos ser da pena do padre José dos Reis Cardozo e terá sido executado até 1737 (Fig. 2).

No mesmo fôlio 4 inicia-se o *acrescentamento* que fez o padre João de Beça Ferreira. Compreende um conjunto de valiosas informações, relatadas por este pároco de Santa Margarida, relacionadas quer

com a aquisição de peças novas para o uso religioso, quer com concertos efectuados conforme as necessidades o impunham. São exemplo disto as reparações nas capelas de São João e de Santo Amaro e as obras de beneficiação e ampliação da igreja. Ao padre João de Beça Ferreira se deve, em grande medida, o actual aspecto da matriz de Santa Margarida.

Todas essas alíneas em que o pároco refere o que vai fazendo na igreja vêm acompanhadas da respectiva despesa, em reis, que implicava tais encargos. Este inventário termina no fôlio 7 verso e foi executado sensivelmente entre 1749 e 1774, tendo por base as datas que o próprio João de Beça Ferreira nos vai indicando. Foi, ainda, este padre que respondeu, em 1758, ao inquérito enviado pelo padre Luís Cardoso a todas as paróquias, cuja colecção ficou conhecida por Memórias Paroquiais.

Uma outra lista, que não chega a ocupar sequer o verso do fôlio 7, elenca, simplesmente, um conjunto de alfaías litúrgicas e paramentaria. Não tem qualquer data, nem é assinada, mas a letra é diferente, sugerindo que este arrolamento já terá sido executado aquando da apresentação de um novo pároco.

Seguidamente encontramos o documento mais interessante deste livro. Trata-se do registo da tomada de posse da igreja pelo padre Feliciano José Alvares Ferreira de Magalhães, no dia 19 de Junho de 1818. E neste auto de posse o padre declara explicitamente:

E sendo h ã dever rigoroso o inventariar tudo o que pertence á Igreja tanto para Culto Divino, como para sustento da Caza da Rezidencia, e Patrimonio desta Abbadia, passei logo a formar o, Inventario de tudo que achei e do estado em que achavão [...] (ADP-FPLSM-IB, fl.8, ln.7-ln.11).

Neste inventário o padre refere tudo o que encontrou, acrescentando comentários acerca do estado de conservação dessas mesmas peças e objectos da igreja, bem como da residência paroquial e das duas capelas filiais. O encerramento deste arrolamento é feito a 22 de Julho de 1818 e assinado pelo próprio pároco e pelos padres João José da Costa Lemos e Bessa e José da Silva Neto.

Para além deste inventário o padre abre um capítulo intitulado:

Memoria do que fiz e vou fazendo nesta Igreja Parochial de Santa Margarida de Louzada, e na Caza da Rezidencia Passal do seo Ministro (ADP-FPLSM-IB, fl.11, ln.1-ln.3).

Esta parte do documento contém todas as obras de beneficiação e todos os concertos levados a cabo durante a presença do padre Feliciano Ferreira de Magalhães em Santa Margarida. Constitui-se, igualmente, como um autêntico livro de despesas, em que se anota o custo de cada peça ou objecto adquirido e de cada obra realizada, até ao ano de 1841.

Por fim, já no ano de 1865 o padre de então, que não assina, acrescenta mais um rol de alfaías e *outras objetos desta freguezia*.

Estamos perante um rico conjunto de documentos, cronologicamente organizado, escrito em função das circunstâncias muito reais da vida paroquial, revelador das dificuldades apresentadas aos párocos de pequenas freguesias do interior do país.

2.3. Património em destaque neste documento

2.3.1. Igreja

Foram muitas as obras de conservação e melhoramento realizadas na matriz ao longo dos séculos. Mas, aqui, damos algum destaque a uma obra de fundo que mudou por completo o aspecto do edifício e que corresponde, essencialmente, ao que hoje podemos apreciar.

Provavelmente ainda antes de 1749, o padre João de Beça Ferreira alcançou uma provisão régia para a remodelação da igreja. Na sequência dessa provisão foram consignados ao padre 396 000 reis, provenientes do depósito das sisas (ADP-FPLSM-IB, fl.4, ln.25-ln.28).

Os trabalhos incluíram gastos com pedra, indiciando que a estrutura foi bastante intervencionada. Ainda se deu início à construção da torre sineira e ao lajeamento do corpo da igreja (ADP-FPLSM-IB, fl.4v, ln.16-ln.18).

Foi empregue muito dinheiro em melhoramentos interiores, no retábulo, nas imagens e em diversas alfaías religiosas.

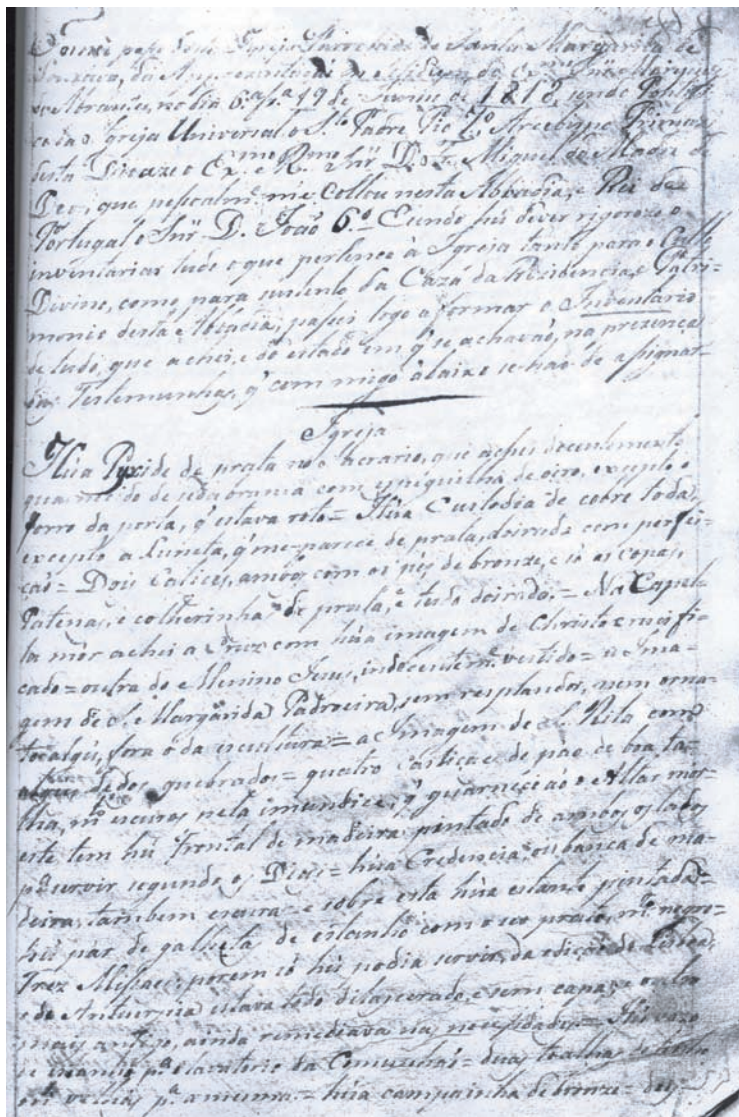


Figura 3. Fólio 8. Auto de posse da igreja pelo padre Feliciano de Magalhães e início do seu inventário.

2.3.2. Capelas

Um dos temas abordados neste inventário é o das capelas filiais da igreja de Santa Margarida. A notícia mais antiga relativamente à sua existência consta, precisamente, do inventário realizado pelo abade João Nogueira da Silva em 1709 e é relativa ao ano de 1702.

Quase quatro décadas depois, é feita nova menção das capelas nas Memórias Paroquiais. Neste intervalo, o padre João de Beça Ferreira, o mesmo que responde ao inquérito paroquial, dá conta de

algumas obras efectuadas em ambas as capelas.

Já no século XIX, estando na paróquia o padre Feliciano José Álvares Ferreira de Magalhães, voltamos a obter algumas informações.

2.3.2.1. Capela de São João

Esta capela estava situada no lugar de São João e é referida como *muito antiga*. Em 1709 o padre informa que a mesma pertence aos fregueses, mas não tem fábrica. O povo acorre ao pequeno templo em *romarias e clamores*. O padre mandou reedificá-la e montar um retábulo e frontal *pintado de festa* em 1702, circunstância reveladora da importância que a capela tinha nesta época (ADP-FPLSM-IB, fl.3, ln.1-ln.9).

O padre João de Beça Ferreira, em data imprecisa, mas anterior a 1749, manda consertar a capela, tendo sido gastos 800 reis (ADP-FPLSM-IB, fl.4, ln.24). Uns anos depois, o mesmo padre, deu de esmola 3750 reis *para ajuda de reedificar a capella*, sugerindo que estaria muito danificada. Este novo restauro terá ocorrido antes de 1774 (ADP-FPLSM-IB, fl.7, ln.15 e ln.16).

Entre Junho e Julho de 1818 o padre Feliciano de Magalhães realiza o inventário da igreja, na sequência da

sua tomada de posse da paróquia, referindo que a capela de São João Baptista fica *cituada no Casal do mesmo nome*, e estava *totalmente arruinado, e sem uso* (ADP-FPLSM-IB, fl.10, ln.27 e ln.28) (Fig. 3). Verifica-se, desta forma, que, na segunda década do século XIX, a capela já estaria em adiantado estado de ruína. E não encontramos, neste documento, qualquer outra alusão ao seu estado ou a obras que nela se tenham efectuado. Cremos que se tenha iniciado nesta época o processo contínuo de degradação da capela que levou mesmo ao seu total esquecimento e fatal desaparecimento.

2.3.2.2. Capela de Santo Amaro

Embora esteja muito alterada por um restauro levado a cabo em finais do século passado, a capela de Santo Amaro ainda existe no seu local original. Foi reedificada em 1706 pelo abade João Nogueira da Silva que também mandou pôr-lhe um retábulo em 1720. Esta capela era dos fregueses e não tinha fábrica, concorrendo o povo *com romarias e clamoros de devocam dês o pe do monte Calvello* (ADP-FPLSM-IB, fl.3, ln.10-ln.16) (Fig. 4).

O padre João de Beça Ferreira, em data anterior a 1749, mandou executar um conserto que orçou em 2800 reis (ADP-FPLSM-IB, fl.4, ln.22 e ln.23). Em 1765 teve que se reparar o telhado e lajear o pavimento (ADP-FPLSM-IB, fl.5, ln.18). Entre 1765 e 1767 procedeu-se à reparação do retábulo de Santo Amaro (ADP-FPLSM-IB, fl.5, ln.24).

Por volta do início dos anos 70 do século XVIII, a capela parece apresentar sinais muito evidentes de ruína. Desta vez, o padre, despende bastante mais dinheiro para a sua reparação: até 15 de Agosto de 1774 já tinha desembolsado 25 000 reis (ADP-FPLSM-IB, fl.7, ln.1-ln.14).

Em 1818 o padre Feliciano de Magalhães, quando chega à paróquia, refere a capela no inventário (ADP-FPLSM-IB, fl.10, ln.25 e ln.26), só voltando a mencioná-la em 20 de Dezembro de 1826 quando manda fazer uma porta (ADP-FPLSM-IB, fl.13, ln.32-ln.34). Já em Outubro de 1829 voltam a efectuar-se alguns trabalhos de conservação, sendo esta a última referência neste documento (ADP-FPLSM-IB, fl.14v, ln.2).

Esta capela, ao contrário da de São João, parece ter merecido a atenção dos sucessivos padres, pelo que, ainda que muito alterada, chegou até nós, constituindo-se como uma referência de cariz devocional da freguesia, pelo menos, dos últimos trezentos anos.

2.3.3. Cruzeiro

Muito próximo da igreja, numa bifurcação do caminho que segue para a povoação, existe um peculiar cruzeiro em pedra. É composto de base, fuste de secção quadrada até um quinto da sua altura,



Figura 4. A Capela de Santo Amaro, profundamente remodelada no século XX.

passando depois a ter as esquinas chanfradas; capitel tronco-piramidal invertido, sobrepujado por um elemento decorativo em forma de escamas, e rematado, por uma cruz latida de secção quadrada (Fig.5).

Este cruzeiro foi mandado executar pelo padre



Figura 5. O cruzeiro de Santa Margarida, junto à igreja. Obra promovida pelo padre João de Beça Ferreira.

João de Beça Ferreira no ano de 1763, tendo custado 12 000 reis (ADP-FPLSM-IB, fl.5, ln.4-ln.8).

2.3.4. Via Sacra

O padre João de Beça Ferreira faz referência, ainda, à existência de uma via sacra na freguesia. Era composta por cruzeiros de madeira, sendo apenas quatro de pedra. O abade mandou, à sua custa, fazer mais doze cruzeiros de pedra. Este melhoramento custou 10 000 reis e terá sido efectuado entre 1767 e 1774 (ADP-FPLSM-IB, fl.7, ln.18-ln.23).

3. A Terra

3.1. Breve abordagem histórica da freguesia

A freguesia de Santa Margarida de Lousada situa-se a norte do concelho de Lousada, e a nascente da Serra de Campelos. Atravessa a freguesia um importante curso de água denominado Ribeira de Barrosas, que nasce ainda no concelho de Felgueiras, entrando depois em São Miguel e Santa Margarida. Esta ribeira segue o seu curso por Macieira e desagua, nesta mesma freguesia, no Rio Sousa.

Nesta paróquia assistiu-se a uma mudança de orago. Na Idade Média o padroeiro era O Salvador. Nas Inquirições mandadas realizar por Dom Afonso II em 1220 a freguesia denomina-se *Sancto Sanvatore de Lausada*. Esta designação irá manter-se até, pelo menos, ao ano de 1535, altura em que se lavra um Tombo de Bens desta freguesia, denominada, ainda, pelo antigo orago. Não sabemos o que motivou a alteração do padroeiro, nem em que data esta terá ocorrido. Mas sabemos que este tipo de alterações, apesar de não serem frequentes, sucediam. O culto do Salvador é muito antigo e difundido em Portugal e foi cumprido durante mais de três séculos nesta paróquia. Para a mudança poderão ter concorrido vários factores. Questões de ordem sócio-económica ou a eventual mudança de localização da igreja estarão, possivelmente, na origem. Será um aspecto a considerar em futuros trabalhos, tendo presente a importância da hagioponímia para a compreensão de variadíssimas temáticas (Santos, 1973:73-75).

Em 1220 o abade em Santa Margarida era Egas Nunes, que declara que havia várias propriedades pertencentes ao rei, chamadas reguengos, e que estas pagavam duas galinhas, vinte ovos e o terço de tudo o que colhiam. Foram testemunhas nestas inquirições Pedro *Filio*, Pedro Pais, Pedro Eanes, Domingos, João Gonçalves e Pedro Mendes (Lopes, 2004:235).

Novas inquirições são mandadas fazer pelo rei Dom Afonso III em 1258. Neste documento a igreja é declarada como estando na posse de cavaleiros que apresentavam o padre. Era comum, na Idade Média, as igrejas estarem em posse de cavaleiros. Isto acontecia porque, na origem, muitas igrejas foram erigidas pela devoção de fidalgos que assim se tornavam verdadeiros possuidores delas, deixando-as, como um bem, em herança. Assim, para além de serem possuidores da igreja, os cavaleiros podiam, ainda, colocar ou apresentar um padre a seu gosto nessa mesma paróquia (Santos, 1973:102-105).

Neste ano de 1258 o padre chamava-se Egas Pires e as testemunhas que foram inquiridas eram João Gonçalves, Mendo Soares, Martinho Eanes, D. Julião, Martinho Gonçalves, D. Silvestre, Domingos Martins e Mendo Gonçalves (Lopes, 2004:236).

Outra prática habitual na Idade Média era deixar propriedades em herança às igrejas e mosteiros. Para salvação da alma, muitos nobres doavam uma boa parte dos bens que possuíam a instituições eclesiásticas (Santos, 1973:105). A Igreja de Santa Margarida detinha casais em diversas partes, incluindo dez em Lodares.

Já no século XIV, em 1308, Dom Dinis também vai efectuar um levantamento dos bens e propriedades da coroa. Nessas inquirições não é referida nenhuma casa de cavaleiro ou *dona* que seja honrada (Lopes, 2004:237). Uma casa ou uma terra honrada, a que se chamava Honra, era assim considerada se aí vivesse ou tivesse vivido um fidalgo.

Em 1527 o rei Dom João III manda proceder ao recenseamento da população. A contagem da população não se fazia por número de pessoas, mas sim por número de fogos, ou seja, de casas. No entanto, podemos fazer a extrapolação para o número de pessoas se aplicarmos uma multiplicação por cinco ao número de fogos. Assim, em 1527 havia 17 fogos em Santa Margarida, logo a população rondaria as 85 pessoas (Op. cit.:147).

Pelas Memórias Paroquiais de 1758 o abade João de Beça refere que a freguesia tem 59 *vizinhos* (fogos ou casas), correspondendo, entre menores e adultos a 190 pessoas (Pinto, 2002:155).

Em 1758 o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês do Pombal, mandou fazer um inquérito que deveria ser respondido por todos os párocos do reino. Esse inquérito estava dividido em três partes: informações sobre a terra, sobre a serra e sobre os rios – num total de 60 perguntas. O padre Luís Cardoso foi encarregado de elaborar este questionário e de o fazer chegar a todas as paróquias do país.

As Memórias Paroquiais são uma fonte de inestimável importância para a história local. Contêm informações muito ricas e, na maior parte dos casos, bem esclarecedoras. É possível traçar um retrato muito fiel da organização administrativa e territorial de cada terra, bem como da disponibilidade de recursos naturais, das práticas e costumes tradicionais – enfim, uma caracterização muito completa de casa freguesia

3.2. A Igreja

A igreja de Santa Margarida é um edifício globalmente do século XVIII. É uma construção cuidada, muito sóbria, cumprindo com os padrões de construção da época.

O corpo da igreja é composto por uma só nave e capela-mor, separadas por um arco cruzeiro. Encostado ao alçado sul fica a sacristia. A igreja não respeita a orientação canónica, segundo a qual a fachada deveria ficar voltada a poente e a capela-mor a nascente. É possível que o templo primitivo cumprisse a orientação estabelecida, mas, talvez por uma questão topográfica, a igreja, num dado momento, foi voltada a nascente, ficando virada a fachada para o fértil vale da Ribeira de Barrosas (Fig. 6).

A fachada apresenta um portal rectangular moldurado com uma fina almofada a sobrepujá-lo. Encimando o portal, surge um pequeno frontão triangular aberto do qual sai uma cruz latina sobre uma base. Um óculo permite a entrada de luz para o interior da igreja. O entablamento é rematado por pirâmides e os frontões por cruzeiros. À torre, adossada à parede sul, parece ter faltado dividendos para a fazer mais alta, sugerindo uma clara impressão de



Figura 6. A Igreja Matriz de Santa Margarida

desproporcionalidade em relação ao conjunto. Na parede norte encontramos um portal dos finais da Idade Média, princípios de Época Moderna, testemunho da construção anterior, provavelmente, do século XV ou já do XVI. É composto por largas aduelas de esquina chanfrada e encontra-se parcialmente soterrado, indicando que a cota original do adro, e, consequentemente, do templo primordial, terá sido elevada. Também o óculo da fachada parece ter sido aproveitado dessa época.

No interior há a destacar o retábulo principal que é composto por duas partes de épocas distintas. A base e o meio são maneiristas de boa execução, datável de meados de Seiscentos. O topo foi acrescentado em época posterior, em talha *rocaille*, possivelmente da última metade do século XVIII.

4. Transcrição

4.1. Normas aplicadas na transcrição

- 1 - Transcreveram-se os documentos em linha contínua, assinalando-se as mudanças de linha com um traço oblíquo e o final de fôlio através da abreviatura fl., entre parêntesis rectos.

- 2 - Respeitou-se, sempre, a morfologia do texto, mantendo-se a separação original dos parágrafos. Só o início de cada novo documento teve um tratamento especial, no sentido de promover a compreensão do conjunto, destacando-se através do uso do negrito.
- 3 - A foliação vai assinalada à esquerda, no início de cada fólio. O verso do fólio é indicado pela letra v.
- 4 - Respeitou-se a grafia dos documentos e conservou-se a pontuação original, tanto na localização como na forma.
- 5 - Mantiveram-se os erros, assinalando-se com [sic], com a excepção do uso da cedilha, por se considerar que a sua utilização não estava, na época, rigidamente definida.
- 6 - Em nota infrapaginal foram sempre assinaladas as letras, palavras ou frases riscadas, as que de todo se mostraram ilegíveis e as anotações marginais.
- 7 - Desdobraram-se as abreviaturas, indicando, em itálico, as letras em falta. Este desdobramento, sempre que possível, foi feito de acordo com a ortografia do escrivão.
- 8 - As letras, palavras ou frases entrelinhadas foram colocadas entre < >.
- 9 - Tudo o que resultou da interpretação do transcritor, devido a ilegibilidade do texto, foi colocado entre []. Quando se tornou de todo impossível perceber o conteúdo devido a ilegibilidade, falta ou mau estado do suporte, utilizou-se [?].

4.2. Transcrição do documento

[fl.1]

Este Livro ha de Servir *para* a Igreja de Santa Mar/garida *para* nelle se lançar o tombo e propriedades assim / desta Igreja como das Irmandades Confrarias e / Capellas della e juntamente os moveis, peças e ornamentos / assim da Igreja como das Confrarias, e Cappellas, e / no segundo titulo se lansarão os titolos das sepul/turas, Erecções de Capellas, Ermidas, e Altares, e / provisoes *para* nellas se di-

zer Missa. No treceyro titulo / se lansarão as obrigações *que* o Parocho tem nesta Igreja / por Rezão de seu Benefficio, e os usos e costumes della sobre / os bens de alma, e direytos Parochiais *que* devem ser assigna/dos pelos freguezes na forma da Pastoral. / E cometemos e damos Licença a Boaventura / Mendes da Costa nosso familiar o numere e / Rubrique, e no fim lhe fará seu emcerramento / na forma do Estyllo. Unhão 26 de Junho / de 1709

Arcebispo Primas

Primeyro Titollo a fol 2
Segundo Titollo a fol 70
Treceyro Titollo a fol. 90

[fl. 2]

Primeyro Titullo

Tem esta igreja de Santa Margarida de Lousada / hũ tombo em *que* estão lancadas todas as / propriedades desta Igreja o qual man/dou faser o Abbade João Nogueira da Silva / com provisão de sua Magestade *que* Deos guarde / foi Juis delle o Doutor Manuel Pinto / de Sousa escrivão [Francisco] Correya no / officio de Capitam João Mendes Pereira / taballião neste comselho de Lousada / e do ditto Tombo constão a propriedades / e foros desta Igreja.

E quanto a movel della tem emvinta/rio no mesmo tombo a saver

sincio vistimentas das quatro cores / hua Branca de Damasco, outra verme/lha de Damasco huã verde de damas/quilho de lam outra roixa tambem / de lam outra de cores.

Tem tres alvas com meya dusia de ha/mittos com seus cordois aparelhados.

[fl. 2v] Tem dois calixis hũ de prata com sua patena / outro com [pé]¹ de metal copa e patena de pra/ta *que* he do Abbade o outro por tradicam sem / titollo *que* he dos fregueses *que* lho [dexara] hũ² /

¹ Ilegível, tinta apagada.

² Na margem esquerda está escrito: "Missa *que* ma[n]dão deser os fregueses"

Abbade *que* fora desta Igreja para mandarem dizer as suas missas e com obrigação de lhe / mandarem dizer hua missa todos os annos / per sua alma dando a esmolla della da / confraria do sob sino.

Tem seis mesas de corporais com suas guar/das, *que* cada hñ tem [?], e duas / Bolças dos corporais das quatro cores e / hua dusia e meya de sanguinhos e meya / dusia de pallas de cubrir os calixis, e hũ / cofresinho serado em *que* se Recolhe os corporais / e sanguinhos.

Tem [três]³ missais e chataxisimo, e / Ritual galhetas <dois pares> com seis pratos tudo novo

Tem dois frontais de damasco hũ / branco, outro vermelho, outro de madeira / pintado de huã parte verdes et da outra / Roxo, et mais outro Roxo ja usado de / lam o quasi preto.

Tem três toalhas do altar mor tres da cumu/nhão huã dos santos olios e huã do Laboratorio

[fl. 3] Tem huã capella de sam João no mesmo / lugar de sam João *que* he do povo onde vay / faser suas romarias e clamores não tem fabrica / et muito antigua Redeaficoua de novo toda / o Abb.^e João Nogueira da Silva com seu Retabullo / e frontal pintado de festa no anno de [1702] / por sua devocam

Tem outra capella da emvação de santo / Amaro, não tem fabrica, *que* tambem he do / povo, onde concorrem com Romarias e cla/moros de devocam des o pe do monte do Calvello / nan tem fabrica he do povo foi Redeficado pelo Abbade Joam / Nogueira da Silva no anno de 1706⁴ e no de 720 lhe pos / hũ Retabollo e os devottos hũ [cavide] por devocam

o *que* pertence aos fregueses

Tem esta Igreja dois sinos cavalgados / no campanário della huã garida de cha/mar os fregueses para dentro da Igreja / huã caldira de mital bom, e outra / de estanho tem pia batismal cuberta / e fixada

Tem os altares colletrais tres f<r>ontais⁵ / cada hñ, e hũ de madeira cada altar / pintado de ambas as partes de huã / de festa de outra roxos

[fl. 3v] Tem mais os freguezes hi pano de pulpito / de Damasco Branco com suas sanefas de / brocatel em framjois muito bem aparelhado

Tem mais huãs de Almaticas de Damasco / Branco com suas sanefas e sabastros de / brocatel com suas franjas bem aparelhadas

Tem coatro casticais de estanho fino / nos altares colletrais dois em cada al/tar alem de dios [sic]⁶ mais *que* tem cada altar / de Bronze

Tem mais esta Igreja hua vistimenta / de damasco branco bem aparelhada com sua Alva / amitos e cordam

tem mais dois casticais de estanho fino *que* pos / o Abbade depois do emventario atras e hũ missal / novo com os dois *que* avia sam tres e huã caldeirinha / de metal para Agoa venta da sãochristia

Tem mais hua vestimenta Camelão / Laurado branca e vermelha com suas guarni/çoens amarellas e huma bolça de todas as quatro / cores e pala branca do mesmo. Tem mais / hum cálix dourado por dentro com sua patena / dourada e colherinha. Tem mais huma bolça / de damasco com todas as cores do anno com seu [fl. 4] galan a roda. Tem mais quatro palas de damasco das / quatro tres do anno com seu galan, Tem mais quatro / sanguinhos Tem mais dous [panos] de corporaes. tudo isto mandou / fazer o Abbade Jozé dos Reys Cardozo por sua conta e devoção na era / de mil e sete centos e trinta e sete annos e tem huma toalha / com sua renda de fora.

Este acrescentamento tudo fez daqui para baixo o Abbade João de Beça Ferreira <vejase o tombo novo no principio> *que* lá está bem declarado o inventario na fabrica *que* hoje está a igreja

Tem mais huã toalha fina com seo desfiado / e Renda *que* mandou fazer o Abbade João de Beça / Ferreira para o altar mór, e mais o *que* se segue

Mais duas tocheiras com lírios para azeyte

Mais para o altar da capella mor huã / pelica vermelha *que* lhe mandei compor

³ Parece ter sido acrescentado o algarismo 3 sobre a palavra dois, daí optarmos por referir “três”.

⁴ Inicialmente foi escrito 1776, sendo depois riscado o 7 e escrito um 0 na entrelinha.

⁵ O r está superior à linha.

⁶ dois

Tem mais huã imagem de Santa Ritta, *que* mandei / por a *minha* custa *que* custou – 8000

mais puz a *minha* custa hũ crucifixo na São-christia – 480

mais hua toalha fina com desfiado e renda

mais concorri *para* a imagem do Senhor dos Remedios / *que* se fez no altar do menino *para que* dei a *minha* esmolla

mais fiz hum concerto na capella de / Santo Amaro por *minha* devoção *que* importou – 2800

e *tambem* concertei a de S. João em *que* gastei – 800

mais alcancei a *minha* custa huã provisam / de ElRey en nome dos freguezes *para* concertar / a igreja pella coal me consignou no / depozito das cizas *para* a obra 396 000 rs

[fl. 4v] Fiz obra toda por *minha* conta e faltou / o ultimo pagamento *que* importa 132 000 *reis* e eu / puz *para* obra da igreja e *para* capella mor em / *dinheiro* madeira carros de pedra no comestivel *para* as / Carriadas e dispendio com pedreiros da *minha* bolca trezentos / e sincoenta mil *reis* çem gastos da provisam – 350 000 rs

Coloquei o Santissimo Sacramento nesta igreja / *para* o *que* somente se obrigarão a fabrica do azeite / os freguezes e mais a *minha* custa excepto o vaso

Comprei huns caixõens uzados *para* a são-christia – 3200

Puz huã sobrepeliz nova *para* a fabrica da igreja

Comprei hũ miçal novo moderno – 2160

Troquei huãs galhetas velhas a huas / novas, *que* importarão alem das velhas – 480

Coatro Ramos de cambraya 2 e dois de papel da capella mor

mais dei *para* huã torre de sinos de esmolla *minha* / fora pedra e gentares a pedreiros – 19 200

mais lagiei hũ lanço do corpo da igreja da [sic]⁷ se/pulturas *que* me custou – 4800

mais concerto de hũ miçal – 0960

mais no anno de 1749 levantei / sobre huã caza terrea huã / salla nova com seo coarto fora / della e escadas e mudei a cozinha / e puz des portas feronhas e coberto [fl. 5] de telha; *que* tudo importaria / em *dinheiro* – 150 000 / cento e sincoenta mil *reis* / No ãnno de 1763 mandei fazer a *minha* / custa hũ *cruzeiro* de padrão *para* [?]⁸ / procissoins. e não hera obrigado a elle / foy devossão *minha* e importaria 12 000 rs / doze mil *reis*.

No anno de 1765 mandei compor / o meo retabolo da capella mor, em *que* / se poz de tribuna, e concorreo o *senhor para* o / Sacrario, e trono, e o mais por *minha* conta em *que* / importaria o *que* me custou da *minha* bolça⁹/ allem de huã esmolla *que* deo o *senhor* a tudo / e *tambem para* o concerto do altar do Senhor dos / Remedios em *dinheiro* madeira e comestíveis = 55 000 *reis*¹⁰

No mesmo anno assima *para* Retelhar e lajear / a capella mor sanchristia e capella de Santo Amaro / em telha, cal, e lajeador despendi – 1440

de hũ veo branco *para* os calices de tafetá – 0270 de huã copa de prata do cálice [?] e patena 2850 de solhar de Madeira a sãochristia no dito / anno custou vay adiante o custo

Mandei compor o Retabolo de Santo Amaro / com o sobejo do *que* ficou da igreja e concertar [fl. 5v] os telhados de telha e cal e despendi / em tudo *para* a dita capella – 2400

puz huã alva nova de 8 varas de pano 192

de Renda <a 24> – 550

dei de esmola *para* calcar e telhar a igreja – 4800

dei mais duas cruces de crucifixos / huã *para* o altar mor e outra *para* o de Santa Rita / custarão ambas de feitio e dourar - 6540¹¹

Dei mais *para* levantar o adro / de pedra 30 carros – 200

Para solhar de taboado a saochristia 5000

puz mais *para* fazer os dois / confecionarios na igreja alem / das esmollas dos freguezes – 3680

⁷ das

⁸ Ilegível. Tinta apagada.

⁹ À margem: tirouse do *senhor* somente trinta mil *reis* 30000

¹⁰ À margem: do meo gastei

¹¹ Anteriormente estava 6400, sendo corrigido o 4 e o 0.

anno de 1767

Gastei em dourar e pintar a *minha* / capella mor e sãochristia pintada / fora o *que* deo o *senhor* para o Sacrario e trono / *que* forão todos / dei eu em dinheiro do meo – 80 000 reis

e de esmolla para pintar a igreja e tudo / o *que* hera dos freguezes do arco para / Bayxo por serem pobres gastei o seguinte [fl. 6] *que* dei para pintar toda a igreja e altares / pulpito coro [Verba] dinheiro - 20000

Das vidracas na capella mor e igreja 15000

fora o *que* gastei em comer e beber / *que* importaria hũ par [?] / para pintores e vidraceiros e para a igreja / [?]dei eu pello amor de Deos 9600

Derão os freguezes a madeira para / taburnar o corpo da igreja os lavra/dores e por os mais serem pobres / paguei eu o feitio pregos argollas / em *que* gasteiria – 7200

Dei para fundir o sino pequeno por / esmolla por não pagarem os pobres – 4800

mais de lenha – 600

mais para acabar de pagar o dito sino – 480¹²

estes houve *quem* os deo de esmolla [?] dei / eu estes últimos 480 reis

Dei de esmolla para hi S. Sebastiam cuja / imagem custou – 4300 e houve / *quem* deo a metade e eu paguei – 2150

Puz coatro castiçais feitos de pão / para a *minha* capella mor *que* custarão / de feitio em pretto – 5280 reis

De armar de novo a salla do meyo *que* / estava para cahir de madeiras pregos e / gastos de carpinteiros importaria tudo – 12000

[fl. 6v] puz mais hi vao para [?] / [?] posto e huãs cortinas para / o sacrário [?] *que* tudo vallera / muito bem – 4800

[dei por] *minha* devoção hu adro todo pello / [?] e não pagar a Freguesia nada / por ser pobre *que* emportaria todo o custo exa/to a carreta de pedra [?] trouxe a Freguesia / importou pouco mais ou menos – 72000 reis

mais do socalco do mesmo adro [?] / cahio [?] defeito [?] / [?] novamente hum [?] 10000

dei pello amor de Deos tudo o *que* dei / para a igreja e mais dei para a cruz / da torre dos cinos [?] / alem de hi [?] *que* havia¹³

Troquei duas lâmpadas antigas / por duas para a igreja e dei por amor / de Deos por ellas da *minha* bolça – 4100

para as por á moderna por serem pobres / os freguezes.

Puz huã pedra de ara no altar / da capella mor obrigam / de hum capitulo de vezita por / ordem de sua A. e veyo da Santa / Sé de Braga, e custou – 2240

[fl. 7] Arruinousse a capella de Santo Amaro / de calvello de paredes e madeira não / houve *quem* concorresse para o seo con/certo, e como he capella de devoção / e não tem fabrica só sim por / devoção mandei concertalla das / paredes, e por dois forros de madeyra / e lajeiar toda por dentro de laje / e athe oje 15 de Agosto de 1774 *ãnnos* / tenho despendido 16 800

mais de hum carro de pedra de / trezentas e 25 telhas – 2600

de cal e jornais para os telhados – 2400

de a pintar por dentro – 3200

dei de esmolla para S. João para ajuda / de redeficar a capella pello amor de Deos 3350

mais *que* faltou – 400

Havia huã via sacra de cruzes / de pao, e só tinha quatro de pedra / puz a *minha* custa doze de pedra / pello amor de Deos por estar im/perfeita e ser a Freguezia pobre *que* / importarão de todos os gastos – 10 000 rs

Dei huã esmolla pello amor de Deos / para ajuda de hum Cino de fundir / e acrescentar por não ficar pequeno

[fl. 7v] Mandei compor a vestimenta de lam verde toda a roda com / seos galões de retros amarrellos, mandei fazer huã dúzia de / sangunhos, pelos não ter esta Igreja

¹² Riscado.

¹³ A parte superior do verso deste fôlio apresenta a tinta muito apagada, em certos pontos completamente apagada, mostrando-se praticamente ilegível.

Deo huã devota desta freguezia duas toalhas de linho, com suas / rendas; huã para o altar do Senhor do Remedios, e outra para / o altar da Senhora

Mandei compor hũ quarto da sala velha / de baixo, todo forrado igualmente de pinho e a castanho, com / sua vidraça, e tambem forrar e tapar as duas alcovas da sala / nova.

Inventário dos paramentos desta Igreja de Santa / Margarida de Louzada

Huma cazula de seda branca mais duas bran/cas sem serem de seda

Hum de seda vermelha

Duas roxas huma de Seda, outra de damasco de lam

Huma capa roxa de damasco de lam

Tres sobrepelizes duas velhas, e huma nova.

Dous calisses hum de prata, outro só o copo

Corporais coatro

Alvas coatro

[fl. 8] Tomei posse desta Igreja Parochial de Santa Margarida de / Louzada, da Apprezação in Solidum do Excelentissimo Senhor Marquez / de Abrantes no dia 6.^a feira 19 de Junho de 1818, sendo Pontifi/ce da Igreja Universal o Santo Padre Pio 7.^o, Arcebispo Primaz / desta Dioceze o Excelentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Miguel da Madre de / Deos, que pessoalmente me collou nesta Abbadia, e Rei de / Portugal o Senhor D. João 6.^o E sendo hi dever rigoroso o / inventariar tudo o que pertence á Igreja tanto para Culto / Divino, como para sustento da Caza da Rezidencia, e Patri/monio desta Abbadia, passei logo a formar o, Inventario / de tudo que achei e do estado em que achavão na prezença / das Testemunhas que commigo abaixo se hão-de assignar

Igreja

Hũa Pyxide de prata no Sacrario, que achei decentemente / guarnecido de seda branca com [espequilha] de oiro excepto o / forro da porta, que estava roto = Hũa Custodia de cobre toda, / excepto a Luneta, que me parece de prata, doirada com perfei/ção = Dois Cálices, ambos com os pés de

bronze, e com as copas, / Patenas, e colherinhas de prata, e tendo doirado. = Na capel/la mór achei a Cruz com hũa imagem de Christo crucifi/cado = outra do Menino Jesus, indecentemente vestido = a Ima/gem de S. Margarida Padroeira, sem resplendor, nem orna/to algũ, fora o da escultura = a Ima/gem de S. Rita com / algũs dedos quebrados = quatro castiças de pão de boa ta/lha, muito escuros pela imundice, que guarnecião o Altar mór / este tem hũ Frontal de madeira pintado de ambos os lados / para servir segundo os Dias = hũa Credencia, ou banca de ma/deira, tambem escura = e sobre esta hũa estante pintada = / hũ par de galhetas de estanho com seu prato, muito negro = / Trez Missaes: porem só hũ podia servir, da edição de Lisboa, / o de Antuerpia estava todo dilaserado, e sem capa e outro / mais antigo, ainda remediava na necessidade = Hi vazo / de estanho para o lavatorio da Comunhão = duas toalhas de linho / muito velhas para a mesma = hũa campainha de bronze = dois [fl. 8v] castiças pequenos de bronze = duas Tocheiras de pão muito ve/lhas e indecentes = hũa alampeda de latam igualmente velha, e in/capáz de servir = dois trepos de pão, que servião de bancos, horrorozos no feitio, e indignos de estarem na Caza de Deos = hũa Calldei/rinha de bronze sem exope = Dois Altares Collateraes abaixo do / Arco = Hũ com a veneravel Imagem de Christo crucificado / com a invocação do Senhor dos Remedios, e hũa imagem de / N. Senhora das Dores de Roca com sete espadas de prata bem feitas = / e hũa imagem de S. Sebastião com hũa só seta; e hũ painel / pintado em taboa do nascimento de Jesus; e hũ frontal / de madeira pintado por ambos os lados = outro Altar com a / imagem de N. Senhora do Rozario ornada com hũa Coroa de pra/ta lavrada, e hũ pingente de oiro e pedras esmeraldas ao pesco/ço com o seo manto de seda branca guarnecida de galão de oiro; / e hũ Rozario muito ordinario na mão della, e do Menino = outra / imagem da mesma Senhora pequenina com sua coroa de prata / lavrada sem diadema, que vai nas Prociçoens de todos os primei/ros Domingos de cada mez; e hũa imagem pequena de Santa / Margarida muito feia pela má escultura; e hũ frontal de madei/ra pintado por ambos os lados = todos os trez Altares tem Pe/drás d'Ara; as dos collateraes estavam com as capas já muito / rotas, e indecentes

para cobrir os sepulcros, e servir para as Missas. = / a ilhargá do Altar de N. *Senhora* do Rozario tem hi pai/nel de pano pintado, *que* representa N. *Senhora* do Carmo, / tem junto hũa peanha, sobre a qual está a imagem de / S. Antonio com o seo diadema de prata doirado = Hũ / cofre todo podre, e indecente em *que* achei a ambula dos San/tos Oleos de péssimo chumbo muito negro, e indecentissimo; a / Pia baptismal com a sua tampa sem dobradiças por esta/rem quebradas com ferrugem = quatro bancos, ou trepos, / irmaos dos da Capella mór, guarnecião o corpo da Igreja = / chovia em diversas partes do corpo da Igreja, e da Capella mór / com grande incomodo dos *que* dizião Missa, e a ouvião, e pre [fl. 9] juizo da bella pintura do forro da mesma Capella, e do corpo da / Igreja = O coro estava totalmente inútil por estar podre / e ameaçando ruina, e perigo, aos *que* se punhão por baixo / delle. = Tem hũ esquife para conduzir os corpos dos mortos, / muito arruinado, e outro para os menores = Duas tocheiras / de páo torneado muito velhas, e immundas, e desconjun/tadas: e hũ pórtre para Cruz da mesma sorte. = Tem hũ Tro/no decente; porem sem cortina, *que* deve cobrir o Camarim / em *que* se expoem N. *Senhor*, e acabada a exposição deve sem/pre estar coberto, como manda a Igreja, e se pratica em / toda parte; tambem chovia em diversas partes do Throno / pela desgraçada ruína dos telhados de toda a Capella mór. = / A Sacristia tem hũa friesta com hũ varam de ferro sem / vidro, *que* defenda a entrada dos morcegos, bixos, chuva, vento, / e zimbro; o seo tecto, ou forro, está todo podre de maneira / *que* se vê as costellas, ou caibros por chover em diversas partes, / com incomodo das pessoas, e prejuízo dos caixoens, em *que* / se achão os Ornamentos sagrados, e Roupá da Igreja. = / Tem esta Sacristia hũ arcáz com quatro gavetas, e dois / almarios, em *que* achei os Ornamentos = hũa Cazulla com / a sua Estolla, e manipulo de seda de matizes em bom uso, / e decente, guarnecidade galam, e franja de retroz de seda ama/rella = outra de damasco de seda encarnada com a sua cor. = Outra Cazulla / de láa branca com sebaste encarnado muito velha, e indecente pelo feitio, e quazi dislacerada. = Duas Cazulla ambas / de damasco de seda, hũa branca, e outra encarnada; po/rem ambas inúteis totalmente por já

não terem galoens / e estarem rotas em hũa parte, e descozidas em outras. = / Duas capas d'Asperges, hũa de damasco de seda branca / e outra de láa roxa; ambas inuteis por estarem com os nos [fl. 9v] e guarniçoens descozidos. Hũ frontal de seda branca com / encarnado guarnecido de franja, para o Pulpito: não encon/trei frontal algũ mais, *que* podesse servir nos Altares; e os *que* / havião, de *que* faz menção os Inventarios passados, e as pessoas / presentes, entrarão no saque destes, e outras muitas coizas, *que* / fizerão os Sobrinhos???? Sempre tem sido, e serão fataes / à Igreja de Deos os Sobrinhos, desde Roma athé a ultima / Igreja do Mundo Christão??? Hũ Palio de seda cramezim, / e verde com franja, em bom estado, e decente com as suas com/petentes varas. = Hua Umbella muito estragada. = Duas Deal/maticas muito antigas de seda branca com encarnado guarne/cidas de franja das mesmas cores com dois Manípulos, e hũa Es/tola, e dois Capellos com suas borollas de franja; porem esta/vão inuteis por se acharem descozidas, rotas, e amarrotadas. = / Tendo-me dito o *Senhor* Marquez em Lisboa, *que* tinha dado para esta / Igreja hũa Cazulla, duas Dealmaticas, hũ frontal para o Pul/pito, e hũ veo d'Hombros, e outro para o Cáliz, tudo de seda bran/ca com matizes de cores, guarnecido de franja de prata / fina, *que* já tinham servido na Capella do seo Palacio, nada / disto achei nos caixoens da Igreja por estarem comprehen/didos no saque, dizendo os Sobrinhos, *que* estes ornamentos / forão dados ao Tio, e *que* por tanto lhes pertencião???? Porem / sempre os restituirão. = Hũa Capa d'Asperges da mesma seda, / *que* tambem deo o *Senhor* Marquez com os ornamentos acima re/feridos. = Hũ pano de damasco de seda encarnado com franja de / seda, e prata *que* serve na Estante do Altar em dia de Festa. = Trez / Bolças para corporaes, duas de damasco de seda, e hũa de láa, das / quatro cores. = Seis veos do Cáliz, dois brancos, dois encarnados, / hũ verde, e hũ roxo, todos de tafetá, e hũa só palla para todas / as cores. = Quatro cortinas de damasco encarnado, e duas Sane-fas / muito velhas, e desbotadas *que* [orriavão], ou descompunhão os / Altares colateraes. = Mais algũs pedaços de seda, ou trapos, [fl. 10] *que* para nada servem hoje. Quatro Mezas de Corporaes de / pano de linho guarnecidos de renda em bom esta-

do. Sinco / Alvas; duas com as guarniçoens rotas; e todas precisando de / concerto *para* poderem servir sem indecencia. = Sinco Cingul/los, só trez estavam em termos de servir. = Sinco Amittos / de pano de linho *muito* groceiro, *muito* sedichos. = Seis Sanguinhos / do *mesmo* pano, *muito* sujos, *muito* encardidos, e *muito* cheios de pontos / (*que* miseria em hũa Igreja, à *quem* se paga tantos linhos de / Dizimo!!!) Porem tudo era pouco *para* os Sobrinhos?) Trez / Toalhas do Altar mór, hũa *muito* antiga guarnecida de renda / com seo crivo no *mesmo* pano; e duas mais curtas guarnecidas / de renda cega, ou talagraça, de Guimaraens. = Seis toalhas / de linho guarnecidas, hũas de renda, outras de talagraça, / pertencentes aos Altares colateraes = Mais trez toalhas / *muito* velhas, e *muito* remendadas, *que* servem *para* cobrir os altares / *por* baixo das toalhas de cima, em *que* se diz a Missa. = / Dois Manustergios *muito* velhos = Duas sobrepelizes de algodão / groceiro. Hũa Estolla *muito* velha <de seda> roxa, e outra de láa branca *por* / hi lado, e roxa pelo outro, *também* *muito* sediça *para* os actos Paro/chiaes. = Toda esta roupa estava em hũ caixão com a sua chave / e tem *por* baixo hi gavetão, em *que* achei hũ berço pintado / de encarnado, *que* serve *para* o Menino em dia do Natal. = Tem / a Sacristia hũa feixadura *muito* devassa, e quazi inutil *para* / o seo fim = Tem mais esta Parochia duas Capellas, ambas / do Povo; hũa de Santo Amaro, junto do Monte do Calvello, / cituada quazi no centro da deveza pertencente ao Passal desta / Igreja; outra de São João Baptista cituada no Casal do *mesmo* / nome, *totalmente* arruinado, e seu uso. = Tem esta Freguezia, *se/gundo* o Rol da Dezobriga da Quaresma deste regente anno / cincoenta e sete Fogos, com sento e quarenta pessoas de Sa/cramentos. = A caza da Rezidencia Parochial está em tal mize/ria, *que* seria preciso mil paginas *para* dar hũa ideia clara do seo es/tado de ruina *que* faz medo e pejo ao seo inquilino [Na sala] / de cima achei espalhados pelo solho todos os livros, Escriptu [fl. 10v] ras, Prazos dos Bens, e Patrimonio desta Abbadia o *que* tudo / forma o seo Arquivo, e no Thezoiro, e *por* isso merecia algum / respeito, e outra arrecadação; *por* tanto não ademira a falta / de *muitos* Prazos, e Títulos, e o estrago, em *que* se achão os Livros Pa/rochiaes. Não achei hia só cadeira, nem

meza, nem banco, / nem hũ só vidro, *por* *que* (segundo ouvi) os sobrinhos saquearão / duas vidraças, *que* guarnecião duas janellas hũa da parte do / Norte; e outra do nascente na caza de baixo; nesta há hũa / porta *para* a cozinha, e quinteiro, e a ilhargas esquerda desta / porta está hũ telheiro, *que* servia de privada; e *para* execração / eterna, e mostrar o cumulo de ridicularia, os sobrinhos / comprehenderão no saque até a taboa *que* servia de as/sento na tal privada, ou comúa??? Não hé indecente / escrever eu isto, quando os sobrinhos, e parentes, dos Ademi/nistradores da Caza de Deos fazem coizas tão abominaveis / Tem duas correntes de casas de colmo dentro do quinteiro, / tudo em ruina, e estrago = Tem hũa caza horrenda *por* / dentro, e *por* fora, *que* serve de cozinha, de donde *também* / foi saqueado hũ forno de tijolo, em *que* se cozia o pam. = / Não descrevo o Passal, *por* *que* hé o *mesmo* demarcado, e apon/tado no preciozo Livro do Tombo mandado fazer *por* Alva/rá do Senhor Rei D. Pedro 2º = Há outro Tombo mandado / fazer *por* Alvará do Senhor Rei D. João 3.º = Hũ Livro *para* assento / dos Baptizados = outro *para* os mortos = outro *para* os Cazamentos = / outro *para* Registo das Pastoraes, e Ordens do Prelado, sem principio, / nem fim = e este do Inventario = Duas Constituiçoens deste / Arcebispedo, hũa *muito* rara do tempo do Senhor Cardeal Rei / D. Henrique, e outra moderna = Secenta e sete Prazos en/tre antigos, e modernos. Nada mais achei, *que* devesse / numerar neste Inventario. Louzada 22 de Julho de 1818 / Feliciano Jozé Alvarez Ferreira de Magalhaes / Abbade / o Padre João Jozé da Costa Lemos e Bessa / Joze da Silva Netto

[fl. 11] Memoria do que fiz e vou fazendo nesta Igreja Parochial de / Santa Margarida de Louzada, e na Caza da Rezidencia Passal / do seo Ministro

Na semana seguinte á minha posse desta Igreja logo mandei fa/zer hi estrado ou subpedaneo, segundo manda o Ritual, *para* estar / junto do Altar mór, *que* nunca o teve, *que* me importou em 1\$200 reis / Mandei logo *para* Lisboa fazer hi Thuribulo, *que* o não havia nesta Igre/ja: o qual com a sua competente Navetta, arranjo, e transporte / pelo Seguro

importou-me 14\$950 *reis* em metal, anno de / 1819 Em Agosto de 1818 sem ter ainda provido os fructos desta / Igreja, principiei logo as obras do arranjo da Casa da Rezidencia / desde a porta, *que* está no topo da escada, pela qual se vai *para* a sala de cima, / até as janellas *para* o nascente = abri hũa janella *para* o sul = fiz / a cozinha actual = solhei, e forrei os dois quartos *para* o nascente / e reparti com tabiques os quartos todos, *que* formão a casa de / baixo; em cuja obra, *que* teve fim em Maio de 1819, importou / me, e gastei do meo dinheiro, e de emprestimo 693\$675 *reis* / como fielmente consta do assento de tudo. Mandei retelhar toda / a Capella mor, aonde chovia = mandei limpar, renovar, e refrescar com óleo, a pintura do forro, e tecto da Capella mór, e o / Pulpito, *que* estava tudo indecentissimo = mandei renovar o / tecto, e algũs caibros e telhado da Sacristia, *que* estava tudo / podre, e entrava chuva, e morcegos = mandei fazer hum / caixilho envidraçado *para* a mesma Sacristia = e dois bancos / de pinho *para* a Capella mór, e fiz queimar os trepos *que* a / guarneção: a este exemplo mandarão algũs Freguezes tambem / fazer bancos *para* o corpo da Igreja, e já se contão oito = Esta / obra primeira da Igreja custou-me 26\$590, comprehendendo nella o telhado sobre o arco cruzeiro, por donde chovia muito.

Mandei fazer hũa fexadura nova, e pôr dobradiças na porta / da Sacristia *que* achei de [quocinhos]¹⁴, o q. me custou, e a sua / pintura a oleo em 3\$650 *reis* em 1819. Para evitar dezacato / sacriligo mandei fazer hũa Pixide, ou Ciborio, de latam doira / do *para* o Sacrário, e tirei o de prata; o qual me importou 6\$500 *reis*.

[fl. 11v] Sendo muito perigozo, incomodo, e arriscado em hũa Aldea de pessi/mos caminhos o levar o Santissimo Viatico ao infermo em / o Calix, como se uzava aqui, mandei fazer hum Porta-Viatico / de latam todo doirado com a sua competente bolça de damasco / de seda encarnada, e forrada da mesma, e com os seos cordoens de / seda da mesma cor *para* fechar a bolça, e levar pindurado ao pescoço / sobre a Estolla, e Sobrepeliz: esta peça

depois de feita em Bra/ga, levei-a ao Senhor Arcebispo, *que* a Benzeo, e mereceo a sua ap/provação: custou-me tudo 6000 *reis* em 1819[.] Achei hũa pe/ quena Cruz de latam muito indecente, *que* servia em todos os Actos Pa/roquiaes, e da Freguezia; e como os Freguezes ou por não poderem, / ou por não entenderem melhor sobre a decencia dos Utencilios / da Casa de Deos, mandei fazer hũa Cruz toda de bronze e / prateada com algias pessas doiradas, *que* importou em 14\$520 *reis* / a mim e a dois devotos, *que* me derão *para* ella 4\$000 *reis* anno de 1820. / Estando podre, e todo escavacado o Rezervatorio dos Santos Oleos man/dei fazer outro com diverso feitio, e pintallo a Oleo, o *que* tudo me cus/tou 4\$550 *reis* anno de 1821[.] Duas Cazullas de damasco de seda / hũa branca, e outra encarnada, já mui antiga, e *que* não servião; / dois Pluviaes, hũ branco de seda, e outro roxo de láa, tambem no / mesmo estado, mandei chamar os alfaiates e de baixo da *minha* direc/ção tudo se reformou, se concertou, e se pôz em ordem de servirem / com decência, com o *que* gastei, fora o sustento dos Officiaes, 3000 *reis* / anno de 1821. Alterando-se, e corrompendo-se todos os fructos / no Celeiro por falta d'ar, e da muita humidade, mandei abrir duas / friestas hũa *para* o nascente, e outra *para* o Norte, *que* evitou o mal, e / custou-me 2\$730 *reis* anno de 1821. Deminuindo-se a Agoa / precioza do Formarigo, unicamente, e privativamente desta Igreja, / mandei limpar a nascente na Roxa, em *que* nasce, e chamalla / mais abaixo *para* melhor aproveitalla, e abaixar o rego, *que* a con/duz á preza e reformar o terreno de dez palmos contiguos ao / rego, *que* hé obrigado a respeitallo o Cazeiro do Assento: no *que* / gastei, fora o sustento, 2\$200 *reis* Mandei fazer a caixa *para* [fl. 12] receber os dinheiros pertencentes a Bulla da Santa Cruzada / debaixo de *minha* direcção do modo *que* está em 1820 = Mandei fazer / hũa banquetta de seis castiças, e hũa Cruz, e duas Tocheiras *para* / unicamente servirem na Capella mor, tudo de castanho / pintado a óleo, e prateado, = nesta mesma occasião mandei pin/tar a óleo os quatro castiças de talha, *que* achei no Altar

¹⁴ Refere-se, possivelmente, às barras de ferro que unem os gonzos às dobradiças.

mór, / a credencia, *que* está junto do dito Altar, as tocheiras, *que* achei todas / estranguladas, e o porte, em *que* se colloca a Cruz Parochial, o *que* / tudo me custou, fora o sustento do pintor, 17\$325 em 1821. / Mandei collocar pedras no campo do Faquim, *que* achei arrui/nado pelo rio, concertar os sucacos do campo da Tenda, e do / quintal, o *que* me importou, fora o sustento dos obreiros, 3\$520 / no anno de 1822. Mandei fazer duas mezas de Corporaes, / mais hũa dúzia de Sanguinhos, duas toalhas, *para* o Altar mór, / e concertar em melhor forma hũa Cazulla de láa branca, / com sebastes encarnado, e seis manustegios sobre os que / ja tinha mandado fazer logo no principio da *minha* posse / no anno de 1823. Mandei fazer hũa ambula de estanho / fino com o seo pavilham de seda roxa e galam amarello / *para* os Santos Oleos, o que me custou em Braga 2\$325 / anno de 1824. Estando a alagar-se a parede mestra do quarto pe/queno da parte do norte, mandeia apear, e fazella de novo, solhalla, / e abri-lhe hũa janella, *que* nunca teve, e púz-lhe hũa fexadura / na porta, o *que* me custo (sic)¹⁵ tudo 13\$270 *reis* anno de 1824. / fora o sustento dos pedreiros, e carpinteiros. Mandei apear o / madeiramento podre das Cortes do Passal, e fazer de novo as pa/redes, e levantar sete palmos os dois outoens, e madeirar de no/vo, e colmar, e renovar as duas portas, em *que* púz fexaduras, / o *que* me importou 10\$030 *reis* anno de 1825. Man/dei fazer hũa cortina de chita adamascada *para* estar na boca / da Tribuna da Capella mór, *que* sempre deve estar coberta, / a qual me importou 4\$025 anno de 1825. Mandei fa/zer trez Pavilhoens *para* o Sacrário, hũa branco de thorna de / prata de matizes, e outro encarnado com fios d'oiro (sedas estas [fl. 12v] *que* erão minhas trazidas de Lisboa) guarnecidas com galoens, e / franja de oiro entrefino; e hum verde, *que* nunca teve esta Igre/ja, guarnecido de galoens, e franja de seda amarella, os quaes me / custarão 12\$020 *reis*, anno de 1825. Mandei fazer a porta *para* / feixar a Torre (fora a madeira, *que* ma derão as Senhoras da Caza do / Porto) importou-me a ferragem, e o carpinteiro, excepto o seo sus/tento, 810

reis anno de 1825 – 31 de Março. Tudo acima tenho fei/to, pagando Anno de Morto, e duzentos mil *reis* cada anno da Pen/ção, com *que* achei gravada esta Igreja; cujo gravamen acabou / no dia 25 de Junho de 1824 pela morte do Excelentissimo D. Francisco / de Lencastre (Irmão do Excelentissimo Marquez Padroeiro) Pencionista, / *que* foi desta Abbadia: neste mez de Março paguei duzentos mil / *reis*, *que* restava de dois quarteis ultimos; e fiquei aliviado do pezo / enorme. = anno de 1825. Mandei fazer quatro escabellos *para* / á Igreja, *que* me custarão 2\$800 *reis* em madeira: Maio de 1825. / Mandei fazer dois Livros, *para* o Assento dos Baptizados, e dos Ca/pitulos das Vizitas, *que* me custarão 5\$040 *reis* = Junho de 1825. / Estando a Pia baptismal a cahir, e o taburno, *que* lhe serve de subpedaneo, / todo podre, mandei concertar a primeira, e fazer de novo o segundo, / e arranjar os mais, o *que* tudo me custou 1\$030 *reis* Junho de / 1825. Mandei pintar a oleo os quatro escabellos acima, / os trez bancos, *que* os mandei fazer em 1819, dois *para* a Capella / mór, e hũa *para* a Sacristia; as portas, da Sacristia, e travessa / da Igreja, e da Torre, e a guarda da escada do Pulpito; a ja/nella nova, *que* abri no quarto pequeno da parte do Norte, / e porta da Salla de cima, o *que* me importou 2\$415 *reis* / fora o sustento do Pintor em quatro dias. Julho de 1825. / Deixou hũa devota por sua morte huas continhas d'oiro á Santa / Ritta desta Igreja; e como me pareceo inútil, e indecente / *para* ornar a Veneravel Imagem, mandei fazer em Braga / hum diadema, ou resplendor de prata, *que* custou 3\$560 *reis* / as taes contas pezarão no Contracto 1830 *reis*; e eu dei o resto / *que* forão 1\$730 *reis* no anno de 1820. Mandei arranjar de no<vo> [fl. 13] e ajuntar-lhe o Caderno dos Santos novos, o Missal de / Antuerpia, *que* achei totalmente inútil, o *que* me custou / em Braga 2\$050 *reis* no anno *que* delle consta. – Estando / totalmente podre a rede, *que* guarnecia as friestas da Capella mór, / mandei fazer ao Porto outras redes de arame, e dois vidros, o *que* / tudo custou 3\$690 *reis* Agosto de 1825. = Mandei fazer hũa / Cancellia *para* as Ostias a Braga,

¹⁵ Custou.

a qual me custou 200 *reis* / Janeiro de 1826 = Mandei concertar a porta do Celleiro, pór-lhe / dobradiças, *que* nunca teve, e hũa tranqueta de ferro, o que tudo / me custou 3\$550 *reis* Março de 1826. Mandei executar / a hũ fulano miseravel Cazeiro, porem *muíto* atrevido, por querer, / e pertender perturbar a corrente da agoa do Formarigo, e ter/reno pertencente a mesma Fonte, *que* <hé> *muíto* privativa desta Igreja; / a copia Legal do Processo, e Sentença custou-me 1\$630 *reis* / alem de 1\$250 *reis*, *que* dei por gratificação aos Officiaes, *que* / figurarão na tal demanda, cuja copia fica adida ao / Tombo, e Arquivo da Igreja = Junho de 1826 - / Estando a Baranda *muíto* perigoza, e quazi inútil pela ruína, e estrago, / em *que* se achava, mandei-a alagar, e os dois cunhaes, *que* a guarne/cião; no da parte do nascente havia hũa privada *muíto* feia, e *que* / fazia *muíto* má vizinhança á janella nova, *que* abri, e a cuzinha, *que* / fiz de novo: igualmente mandei alagar as paredes brutas do quarto, / *que* ficava por baixo da baranda; e mandei recuar os dois cu/nhaes no ponto, *que* tinha, e servir a portada de pedra, *que* estava en/tupida, e abri hũa janella no dito quarto, e mandei solhar tudo / de novo, e fazer-lhe portas para o dito, e para a baranda, e as empana/das *que* a deffendem do zimbros. Estando a Sacristia indecentissima / no solho pela podriqueira, e por *que* se descia para ella, e se subia / para a Capella mór, mandei-a solhar; e pór dobradiças na por/ta, *que* serve para a dita Capella, e o feixo; a *quanto* era de coicinhos. / Igualmente mandei abrir duas frestas na caza do cazeiro, e devidillo. / Mandei fazer hũa porta para a Capella de Santo Amaro: o / *que* tudo acima me importou 36\$590 *reis*, e se concluiu em 20 / de Dezembro de 1826; fora sustento dos obreiros. Mandei [fl. 13v] a Penafiel comprar duas fexaduras para as portas do Cazeiro / do Paçal, *que* abri de novo, e dobradiças, (*que* não se conhecia nem na Igre/ja, nem na Caza da Rezidencia Parochial, *quanto* mais na do Cazeiro, / e Cortes dos animaes.) e vindo hũa *muíto* boa mandei-a pregar na / porta da salla de cima, e hũa chapa nova;

e a *que* servia nesta / foi para a do cazeiro, o *que* tudo me custou 1\$960 *reis* em 30 de / Dezembro, em *que* despedi o carpinteiro. Achei, como dice, os Tombos, / Prazos, Livros, e Alfaiaes desta Igreja, espalhados pella salla de cima / *quando* tomei posse; logo projectei mandar fazer oportunamente hũ Reserva/torio, *que* servisse para a arrecadação destes objectos tão importantes: man/dei para este fim abrir hum buraco na parede mestra da escada, *que* / vai para a salla de cima, e nella coloquei o Almario *que* mandei fazer / debaixo do meo risco, a dimenções, para servir de Arquivo; o qual / foi collocado na 5.^a feira 1.^o de Fevereiro de 1827: toda esta obra de / pedreiro, e carpinteiro, madeira e ferrages, custou-me 8\$390 *reis* / Mandei cortar trez castanheiros no Faquim, serralllos, e comprei hi / pinheiro, e reduzio a taboas para tapar a caza do Lagar, e fazer o for/ro da caza do cazeiro: pregos, dobradices, e fexadura: o que tudo me importou 5\$320 *reis*, fora o sustento dos officiaes; Maio de 1827. / Mandei fazer hũ forno na caza do Cazeiro do Passal; e na mesma re/duzir a porta, *que* era irmãa em tudo das Cortes dos brutos, no estado / actual; porta de madeira com seo postigo, dobradices, e mais ferra/ges precisas; padieira, e mais pedras necessarias para o forno, e por/ta, o que tudo me custou, fora a madeira, e sustento dos Obreiros, / 6\$495 em 10 d'Agosto de 1827. Mandei concertar, e lim/par a alampeda, *que* estava amaçada, quebrada, e çuja; o mesmo / a seis castiças de estanho; e dois pequenos de bronze; o vaso do / lavatorio da Comunhão; as galhetas e o seo prato; a ambula do / Santos Oleos, *que* achei indecentissima, e *que* agora serv¹⁶ para hir / a Braga buscar os novos; [Verba] o *que* tudo me importou / 5\$000 *reis* fora o sustento dos quatro Caldeireiros, / *que* se occuparão nesta obra trez dias – 20 de Novembro / de 1827 – Mandei fazer hũa estante tão necessaria para os Officios / da Igreja *que* me custou 800 *reis* Janeiro de 1828

[fl. 14] Não achando no Paçal arvores capazes nem para sustentar / nem para madeira necessaria das obras da Igreja, e da Rezidencia, /

¹⁶ Riscada a última letra.

por *que* as *que* havia forão todas cortadas por os sobrinhos, mandei / plantar quatro dúzias de castanheiros, *que* me custarão 1\$200 *reis* / cada dúzia, em Março de 1828. Estando podre a tampa / da Pia baptismal, *que* sempre deve estar coberta, e feixada, mandei / fazer a sua tampa, e feixalla. Precizando a Igreja de dois Con/fessionarios mais, mandei fazer os taburnos, ou subpedaneos *para* / os Altares Collateraes, e nelles collocar os Confessionarios nos / arcos fronteiros, e hũ escabello, *por que* já havia outro: igualmente / mandei fazer hũa estante *para* o Caixão dos Defunctos chumba/da na parede debaixo do coro: e hũ pedróz *para* a porta principal / o *que* tudo acima me custou 6\$535 *reis* fora o sustento dos officiaes / Dezembro de 1828. Tambem entra nesta soma a importancia / da Caixa *para* a Custodia, *que* mandei fazer, *por* ser muito grosseira, e in/decente a *que* tinha, e seo saco. – Mandei fazer hũ Pavi/lhão *para* a minha Ambula, ou Pixide pequena, quadrado (*segundo* / o uzo presente) na Cidade do Porto: o *que* me custou 3\$130 / em 10 d’Janeiro de 1829 – Declaro, *que* deixo *para* esta Igreja / hũa conxa *para* servir nos Baptismos, de *que* sempre uzei, a qual / trouxe da India. Mandei mudar o Rego *para* de traz das / cortes, *que* há seculos passava pelo <meio> do quinteiro desta Rezidencia / tornandoa muito incómoda e pirigoza *para* uzo em Janeiro de / 1829. Mandei fazer duas Estantes *para* os quartos do Norte des/ta Caza da Rezidencia, *que* me custarão, fora o sustento dos / officiaes, 2\$000 *reis* – Fevereiro de 1829. Mandei fazer / hũa latada, ou ramada, *que* não achei nesta Caza, *que* me custou, fora / o sustento dos Officiaes, 3\$290 *reis* Fevereiro de 1829. / Mandei fazer hũa Cazulla preta de lá, talhada pela forma / *que* dei, e feita pelo meo desenho, o *que* me custou 2\$120 *reis* fora / o sustento do alfaiate em 3 dias – Julho de 1829 / Mandei fazer hũa Bolça, e Pala, ao Porte, *que* me custou 1\$710 *reis* / Agosto de 1829. Mandei retelhar a Capella mor, Sacristia, e todo [fl. 14v] o lado do corpo da Igreja fronteiro a torre, e canos delle, assim como a / Capella de Santo Amaro, *que* estava muito estragada, e arruinada = e depois / mandei olear e pintar os dois Confessionarios novos e a tampa / da Pia baptismal,

e hũ escabello da Igreja = as empanadas bala/ustres, e suas travessas, e porta da varanda nova, *que* já tinha man/dado fazer em 1826 = a porta do Celleiro, ou caza da Renda, e / a janella velha, *que* fica *por* cima da sobredita porta, e todas as fexa/duras; e tambem a porta travessa de Santo Amaro = Telhas e / Cal; Tintas, e Oleo = e os Artífices, fora os sustentos destes = gastei / nesta obra 11\$590 *reis* Outubro de 1829 = e tambem / nesta occazião foi pintado o almario, ou Arquivo da Igreja / cito, e feito *por* mim na caza de Rezidencia. – Mandei fazer / hũ suculto abaixo da Oliveira fronteiro ao Campo do Cortiços, *que* le/vou 38 carros de pedra, e desterrar muita terra *para* fazer hũa nova / Leira o *que* tudo me custou, fora o carreto, *que* não paguei, 3\$520 *reis* / e fora o sustento dos obreiros = Dezembro de 1829. Mandei fazer / do alicerce o muro das portas fronhas, o *que* me custou, fora o carreto das / pedras, 3\$120, e o sustento dos carreiros, e obreiros. Setembro de / 1830. – Por minha devoção particular mandei fazer em / Braga segundo o desenho e dimenções, *que* dei, a Imagem de / Santa Luzia; e mandei vir do Porto hũa manga de vidro; / e depois de Benzida *por* mim a Colloquei no Altar de / Nossa Senhora do Rozario desta Igreja no dia vinte de / Julho de 1831, o *que* tudo me custou 18\$500 *reis* / Tendo o Vizitador em Vizitação de 17 d’Agosto Suspendido o / Altar do Senhor do Remedios *por* não achar a Pedra d’Ara / capaz *para* se Celebrar Missa, tirei-a, e puz no dito Altar hũa minha / de bello marmore, Sagrada pello Excelentissimo e Reverendissimo Arcebispo de / Lancedemonia Vigário do Patriarchado, *que* a tinha comprado / em Lisboa *por* 5\$000 *reis* *para* o meo Oratorio privado Concedido / pelo Sumo Pontifice Pio 6.º - 19 d’Agosto de 1831.

[fl. 15] Mandei fazer hũa [alba], Cordão, e Amito, com a sua [?] / [?] e decente guarnição *que* me custou 3820 *reis* Setembro / de 1832. Mandei fazer quatro Lanternas *por* minha devoção / *para* acompanhar o Santissimo Viatico, e Procições [?], *que* me / custarão 4\$400 *reis* metal Outubro de 1832. *por que* se acha / estragada e inútil a Umbella desta Igreja, mandei-a re/novar e [aumentar] a sua armação com outro feitio, e segurança / o *que* me custou

6\$600 *reis* metal. Dezembro de 1832.¹⁷ / Igualmente mandei arranjar trez Sacras envidraçadas para / o Altar-mor, *que* não as tinha, devendo tellas, as quaes me custa/rão 2\$750 *reis* Dezembro de 1834 / Infelizmente queimou-se a cortina da Tribuna, *que* há dez annos, / eu a tinha mandado fazer: por tanto mandei fazer outra, *que* / appareceo no Domingo do Espirito Santo sete d'Junho de / 1835: custou-me 3\$000 *reis* Orate pro me. / Na barroca, *que* dá serventia para o campo da Beçada do Paçal, / estava na calçada hũa lage, ou lapide, *que* mandei dezentar/rar para certo destino; e como descobri nella certos relevos / goticos, *que* dão a conhecer a sua remota antiguidade da fun/dação da Igreja Christáa, em *que* a tal lage servio, mandei-/a colocar no principio da cantaria do Adro desta Igreja / no Domingo 13 de Setembro de 1835 / Há dois annos entregou-me o Padre Alexandre Peixoto Villas boas / da Caza do Porto secenta mil reis, legado *que* há muitos annos tinha na / sua mão, para eu mandar fazer o Altar do Senhor Jesus dos Reme/dios desta Igreja: o *que* assim o mandei fazer como se acha e a / *minha* custa sustentei treze dias o Mestre Entalhador, e dois Officiaes, / *que* tanto gastarão em o collocar; e o pintor = mandei fazer no/vas toalhas e sacras o *que* tudo me custou 12\$500 *reis* em / Outubro de 1835.

[fl. 15v] Estando estragada as portas fronhas, mandei fazellas d'ou/tro feitio, e com outra segurança: madeira, ferrage, feitio, / e pintura, alem do sustento dos Officiaes, custou-m [sic]¹⁸ 3\$690 *reis* / Maio de 1837.

Estando a sala indecente, e perigoza, mandei a solhar de / novo, e guarneçella: madeira, ferrage, Officiaes impor/tarão-me 6\$360 *reis* fora o sustento – 18 de Setembro / de 1837 Orate pro me

Mandei concertar, e arranjar a Fonte de Formarigo, de outro mo/do, *que* a não achei, o *que* me custou alem do sustento dos trabalha/dores, e hũa Mestre 5\$750 r – 17 de Setembro de 1839 / Orate pro me.

No dia 18 d'Abril, Sabbado d'Alleluia, foi collo-

cada a venera/vel Imagem de Santa Margarida novamente encarnada, e or/nada; o *que* por sua devoção mandou fazer o Illustrissimo Senhor / Manoel Pinto Peixoto Villasboas da Caza do Porto desta / Freguezia 1840 orate pro me.

[fl. 16] No dia 21 de Novembro de 1840 acabou de pintar-se o Altar / de Nossa Senhora do Rozario debaixo da *minha* inspecção; e fora / o sustento do Mestre, e dois officiaes 17 dias dei ao dito / vinte quatro mil e seis sentos 24\$600 *reis* metal

Mandei estufar, e encarnar a óleo a Venerável Imagem de Nossa / Senhora do Rozario, *que* estava muito indecente e grosseira a colla: e / igualmente a Imagem de Santo Antonio para ocupar o novo Altar = / o *que* me custou catorze mil e quatro centos 14\$400 *reis*.

Por estar auctorizado in scriptis pelo Excelentissimo Reverendissimo Senhor Arcebispo / Primaz para fazer todas as Benções pertencentes aos Senhor Bispos / em *que* não intervenha Oleo Sagrado, Benzi Solememente a / Cruz, e novo Altar de Nossa Senhora do Rozario, a Imagem / da mesma Senhora, e Santo Antonio, no Sabbado doze de Dezembro / de 1840 = Orate pro me

Estando na ultima ruína a Capella de Santo Amaro mandei / reformar tudo desde o telhado athé a porta principal, o *que* tudo / me custou 22\$5[9]5 o *que* se acabou em 30 de Dezembro de / 1841 orate pro me.

[fl. 17] Inventario das Alfaias e outros objetos desta fre/guezia de Santa Margarida de Louzada.

Tem esta Igreja trez altares, um mor e dous colate/raes com suas banquetas de pao pintadas, e Imagens / tudo com decencia.

Tem sinco vestimentas das quatro côres, duas / brancas de damasco, huma vermelha de damasco, / outra verde de damasco, e outra roxa de lã.

Tem trez alvas com seus amitos e cordoes.

Tem duas capas d'aspergé, uma branca e outra roxa, / e duas Dealmaticas de damasco branco guarneçidas de / vermêlho.

¹⁷ As primeiras 8 linhas deste fôlio apresentam a tinta muito apagada e trespassada, tornando-se de difficil leitura.

¹⁸ Custou-me

Tem mais duas Dealmaticas, e uma Capa, e uma / vestimenta de damasco branco, e um veio d'ombros de sêda.

Tem dous Calices de metal dourados, com patênas e / colherinhas, e tem quatro veos das quatro côres.

Tem huma alcatifa de lã dos enterros, e caixão de / conduzir os cadaveres.

Tem dous mantos da Senhora do Rozario de sêda, / e duas coroas, uma grande e outra pequena de prata, / e um laço d'ouro que tudo he da mesma Senhora: e ha / tambem dous resplendôres de prata hum de Santa Rita / e outro da Padroeira Santa Margarida.

Tem quatro mezas de corporaes, e duas bolças das qua/tro côres, e huma dúzia e meia de sanguinios e quatro / pallas do calix.

Tem trez Missaes e um par de Galhêtas d'estanho / com seu prato.

Tem doze toalhas dos trez altares, e duas da comunhão, / e duas do lavatorio.

Tem huma Umblla, e um Palio de damasco vermê/lho, e quatro Pavilhões de damasco das quatro côres.

Tem dous vasos do sacrario, um de prata e outro de / metal dourado.

Tem dous sinos cavalgados nos campanários, e uma / caldeira de metal, e tem Pia Baptismal fechada.

[fl. 17v] Tem quatro castiças d'estanho, e dous de bronze, / e huma campainha; e uma cruz de metal, e umas / Ambulas dos Santos Oleos d'estanho.

Tem huma Costodia de metal dourado.

Tem quatro alemternas de folhas e uma alampeda / de metal amarello, e uns tocheiros de pao para os / sirios, e tem um Tribulo e navêta e latão.

Tem um caixão dos paramentos com suas gavêtas.

Tem mais uma escritura de 201.000 reis que pertense / á confraria de Nossa Senhora do Rozario e do / Santissimo Sacramento, declaro que esta escritura / está dividida em duas uma de 150:000 outra de / 60:000 reis

He o que contem o Inventario das alfaias e / mais objetos desta Parochia de Santa Margarida / de Louzada até 1 de Maio de 1865.

Bibliografia

Fontes documentais manuscritas

ADP_Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial de Lousada (Santa Margarida) (FPLSM). Inventário de Bens (IB). E/12/3/5 - 19.4, fls. 1-17v.

Fontes impressas

LOPES, E.T. (2004) - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

PINTO, S. (2002) - *Memórias Paroquiais de 1758: transcrição das Memórias Paroquiais das freguesias do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada: Policopiado.

SANTOS, C.A.D. dos (1973) - *O Censual da Mitra do Porto: subsídios para o estudo da Diocese nas vésperas do Concílio de Trento*. (Documentos e Memórias para a História do Porto, XXXIX). Porto: Câmara Municipal do Porto.

O Casal do Outeiro – Nespereira

*Pedro Magalhães**

Resumo

Durante o Antigo Regime, o casal do Outeiro esteve sujeito ao típico modo de exploração agrária do Antigo Regime, a enfiteuse. Como domínio do Mosteiro de Paço de Sousa, vai ser administrado de forma indirecta, tendo o Mosteiro alienando o domínio útil da terra em favor dos vários sucessores que, ao longo do tempo, marcaram a história do casal. Com a implantação definitiva do Liberalismo, a extinção de todas as ordens religiosas masculinas e a nacionalização dos seus bens, no século XIX, o Outeiro vai enquadrar-se num processo de tendência nacional, a desamortização, com o qual se dá a consolidação dos domínios eminente e útil na mesma pessoa.

Abstract

During the ancient regime, the Casal do Outeiro was submitted to the typical way of agrarian exploration of the Ancient Regime, emphyteusis. As a domain of the Paço de Sousa Monastery, it will be administrated indirectly; having the Monastery alienated the useful domain of the land in favour of the various successors who, throughout time, marked the history of the Casal. With the definite implementation of the Liberal regime, the extinction of all religious male orders and the nationalization of its goods, in the 19th Century, Outeiro will fit in a process of national tendency, disentailment, with which we obtain the domain consolidation, eminent and useful in the same person.

1. Introdução

Em 2005, como consequência da abertura de uma estrada municipal para ligação do lugar de Vila Verde ao lugar do Cruzeiro, foi realizada, na fre-

guesia de Nespereira, uma intervenção arqueológica de emergência no chamado Cabeço do Outeiro. Esta intervenção pôs a descoberto um habitat rural dos séculos XVII e XVIII, revelando um considerável espólio, denunciador de um núcleo familiar

* Licenciado em História. Professor do 3.º ciclo e Secundário.

com algum poder económico e eventualmente detentor de reconhecido poder local (Leite, 2006:11). Apesar destas plausíveis conclusões percebidas pela leitura do sítio e materiais arqueológicos, subsistem, na opinião dos técnicos desta intervenção, muitas incertezas e questões que permanecem em aberto. Assim, seguindo o caminho da interdisciplinaridade, a investigação histórica pode dar um valioso contributo na supressão de tais incertezas e interrogações.

Como é sabido, o Cabeço do Outeiro é, actualmente, pertença da Casa do Cáscere e é sob a preponderância sócio-económica desta casa que devemos compreender a vivência concreta do local intervencionado. No entanto, podemos entender o Outeiro como um espaço com sua própria especificidade e autonomia, que, na sua existência histórica, se distancia e encruzilha com a Casa do Cáscere. Assim, devemos compreender o Outeiro como uma unidade de exploração agrária, que se contextualiza no regime senhorial, particularmente da Época Moderna. Deste modo, numa baliza cronológica que se estende dos inícios do século XVI a meados do século XIX, é importante conhecer o modo de exploração agrária do casal, a renda e direitos a que estavam obrigados os caseiros, saber quem eles eram, construir uma imagem aproximada do espaço e entender o processo de desamortização a que esteve sujeito com a implantação e triunfo do Liberalismo.

2. O Casal do Outeiro

2.1. O casal e seus senhorios

Os senhorios foram uma das poderosas forças estruturantes da vida económica e social do país, em particular nas épocas medieval e moderna (Neto,

[2000]: 42). A intervenção dos senhores na organização das populações teve como consequência a produção de fértil documentação onde ficaram registados múltiplos gestos dos homens que construíram o país que somos. Nos arquivos senhoriais encontramos algumas das principais fontes para o estudo da história local. Assim, para o estudo do casal do Outeiro temos que nos debruçar e concentrar em dois importantes senhorios beneditinos da região, a saber: os mosteiros de S. Miguel de Bustelo e S. Salvador de Paço de Sousa.

O casal do Outeiro foi pertença de ambos os mosteiros, embora com datas cronológicas distintas, que, enquanto senhorios, o vão administrar de forma indirecta até à primeira metade do século XIX. Primeiramente conduz os destinos do Outeiro o Mosteiro de Bustelo¹ em virtude de um escambo feito entre este e Pedro Martinho, cavaleiro de Lodares, no ano de 1251.

«escambou no mes de Maio de Era 1289² com Pedro Martinho, Cavaleiro de Lodares, o Casal do Mosteiro situado em Vila Verde d'Outeiro, junto á Igreja de S. João de Nespereira, recebendo outro por ele, situado em Castinheira de Juzão, no Julgado de Penafiel; esta Carta Latina he partida por a, b, c, e datada sem apontar dia do mês, regnante in regno portugalie rege Alfonso tercio» (Dias, 2007:46).

Infelizmente, sobre administração do casal do Outeiro por parte do Mosteiro de Bustelo não se achou qualquer documento, não se sabendo por quem e como se procedeu à sua exploração.

Mais tarde, sem se saber quando nem como, mas provavelmente através de um escambo, o casal do Outeiro passa a fazer parte das muitas propriedades

¹ Mosteiro de monges beneditinos, fundado antes de 1065, ano em que recebe uma importante doação de Mendo Pais, na paróquia de Bustelo, concelho de Penafiel. Seguiu a observância beneditina pelo menos desde 1201. Entrou em regime de comendatários em 1417 e a deterioração material e disciplinar foi-se acentuando ao longo do século XV. A reforma do mosteiro, iniciada em 1588 com a tomada de posse pelo Abade Geral da congregação de São Bento, só foi concluída em 1596, após a morte do último abade comendatário. Este mosteiro foi secularizado em 1834 com a extinção das ordens religiosas. (cf. http://www.adporto.org_)

² 1251 da Era Cristã. Consulte-se sobre o assunto da datação em textos e documentos medievais a referência bibliográfica: Costa, Pe. Avelino Jesus da, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.



Figura 1. Área de implantação do casal do Outeiro

do Mosteiro de Paço de Sousa³, que o vai administrar através do contrato enfiteutico, sob a forma de arrendamento em três vidas, dando a estas a posse e fruição da terra – fonte de subsistência, de riqueza, de poder e de prestígio social – num país predominantemente rural, onde a agricultura assume um papel de peso nas sociedades medieval e moderna, mas também contemporânea.

O Mosteiro de Paço de Sousa, por ser um senhorio que possuía um vasto património fundiário pelas freguesias e concelhos da região, vai, então, administrar indirectamente os seus bens, alienan-

do, através da enfiteuse, o domínio útil da terra mediante o pagamento de uma renda, reservando contudo o domínio eminente da mesma.

2.2. Os contratos: renda e outros direitos

Para o casal do Outeiro, enquanto unidade de exploração agrária de administração indirecta do Mosteiro de Paço de Sousa, achamos, no seu cartório, notícia de quatro prazos realizados nos anos de 1530, 1579, 1652 e 1706. No entanto, dos dois primeiros apenas se encontrou uma breve referência à sua realização num mostrador de prazos do

Mosteiro que, apesar de tudo, se revela preciosa uma vez que indica os emprazadores, as vidas no prazo e a renda a pagar.

Pela análise da Tabela 1, percebemos a evolução da renda que os enfiteutas pagavam anualmente ao mosteiro. No período cronológico que medeia os prazos do século XVI, pagavam os caseiros 200 reis de renda. Com a celebração do prazo de 1579, temos uma actualização da renda com um acrescentamento de 200 reis em numerário e duas galinhas em géneros. No ano de 1651, ano da apegção para o prazo de 1652, os louvados e jura-

Anos	1530	1579	1652	1706
Renda	200 reis	400 reis	400 reis	400 reis
	—	Duas galinhas	Duas galinhas	Duas galinhas
	—	—	Uma franga ou 50 reis	Duas frangas

Tabela 1. A renda entre 1530 e 1706 a partir dos respectivos prazos

³ Mosteiro fundado em Paço de Sousa (concelho de Penafiel), em meados do século X, talvez em 956 (a primeira menção documentada é de 994), e que seguiu os costumes monásticos peninsulares até à década de 1090, em que adoptou a Regra de São Bento e os costumes cluniacenses. Foi sede de um couto por doação do conde D. Henrique ou de D. Teresa e tornou-se num dos mais importantes mosteiros beneditinos portugueses. Pertencia ao patronato da família de Riba Douro e por isso foi aí sepultado o célebre “Aio” de Afonso Henriques, Egas Moniz.

O seu primeiro abade comendatário, Frei João Álvares, que ocupou este cargo entre os anos de 1460 e 1485, procurou activamente reformar a comunidade ao nível da administração e gestão do património do mosteiro e ao nível da vida religiosa e da conduta moral dos monges. Depois da sua saída, reinstalou-se o clima de decadência disciplinar. O último abade comendatário foi o cardeal D. Henrique (1535-1538 e 1560-1580). A reforma entrou no mosteiro em 1580, passando então a comunidade a ser governada por abades trienais até à data da extinção, em 1834 (WWW: _URL: http://www.adporto.org_).

dos apegadores acharam por bem acrescentar à renda antiga uma franga de crecença ou 50 reis por ela.

«disse elle caseiro que pagava de renda velha quatro centos reis em dinheiro e duas galinhas e diserão os louvados que se mercera de crecença huã franga ou sincoenta reis per ella e sera a escolha dos caseiros» (CVSSPS, K/18/5-68).

Em 1706, o último prazo de que há notícia, temos um acrescentamento de outra franga, à semelhança do que havia acontecido no prazo anterior.

Temos, assim, uma evolução da renda com tendência inflacionista, embora não muito significativa, à excepção dos prazos quinhentistas em que a subida da renda, no contexto geral, é bastante grande. No entanto, o lançamento da renda não era feito ao acaso. Dando cumprimento às formalidades costumadas, antes de cada contrato de empraçamento, era sempre feita uma apegção e vedoria de forma a se identificar todas as propriedades e os produtos explorados. Assim, é de crer que o aumento da renda seja uma consequência do alargamento das áreas de cultivo, do melhoramento e benfeitorias do casal, resultando daí um aumento da produção. No entanto, o agravamento da renda, feito geralmente em géneros, não reflectia o tipo de exploração feita no casal, em que os principais produtos cultivados (vinho, castanha, landres e centeio) não constavam da renda. De qualquer modo, num período de sensivelmente 50 anos, irão existir significativos aumentos na produção destes produtos, à excepção dos cereais, sustentando a hipótese de que o aumento da renda resulta do alargamento das áreas de cultivo do casal e do consequente aumento da sua produtividade.

Produtos	1652	1706
Vinho	18 almudes	39 almudes
Castanha	2 alqueires	15 alqueires
Landres	1 alqueires	12 alqueires
Semeadura	19,5 alqueires	19, 5 alqueires

Tabela 2. Exploração dos principais produtos

Para além da renda a pagar pelos caseiros, nos contratos de empraçamento do casal do Outeiro, estavam ainda presentes, de uma forma pormenori-

zada, dois importantes direitos: a lutuosa e o laudémio. Lutuosa, de lutuoso (coberto de luto), é um antigo direito recebido pelo senhorio directo por morte do enfiteuta. À morte de cada uma das vidas dever-se-ia pagar como que uma indemnização ao Mosteiro, o que no caso do Outeiro vai significar o pagamento de outro tanto como de renda.

«Item pagarão de luctuoza outro tanto como de renda de hum anno por falecimento de cada vida deste prazo a qual luctuoza trara dentro de hum mes ao mosteiro a pessoa, et vida que suceder nelle» (CVSSPS, K/18/6-3).

O laudémio, segundo Joel Serrão, é o termo usado para designar a pensão que se paga ao senhorio directo de qualquer prédio aforado, quando o foreiro aliena todo ou parte dele (Serrão, 1971). Ao celebrar o contrato de empraçamento, o foreiro adquiria o domínio útil do casal que se traduzia no direito de o explorar, com posse de “pleno proprietário”, durante o período de tempo fixado na escritura, de a legar aos seus sucessores e até de a vender. No entanto, só o podiam fazer com o consentimento do senhorio que exigia o pagamento do laudémio.

«não poderão dar doar vender trocar escambar nem outro algum partido fazer de tudo ou parte deste prazo sem licença, e autoridade delles senhorios com pena de perderem o direito deste prazo, et vendendoo com sua lincensa pagarão de laudemio e domínio a quinta parte de todas e quais quer vendas que fizerem» (CVSSPS, K/18/6-3).

2.3. O espaço: assento de casas

Através dos tombos e autos de apegção e vedoria podemos construir uma imagem, ainda que aproximada, das paisagens agrárias. Dão-nos a demarcação das casas, que permitem identificar os tipos de habitação, fazem a delimitação dos espaços de cultivo, permitindo reconhecer o tipo de culturas, bem como a configuração e dimensões das explorações agrícolas, pela sua denominação e confrontações.

Os tombos são, na verdade, uma das fontes que

nos apresentam uma imagem global de um determinado espaço integrado numa área senhorial. A sua reconstituição exige, no entanto, um trabalho persistente e metódico, com recurso ao cruzamento de vários tipos de documentos históricos. Infelizmente, por limitações que se prendem especialmente com o tempo, não ousamos um estudo sistematizado sobre a paisagem rural do casal do Outeiro integrado no contexto da freguesia de Nespereira, mas apenas nos propomos a apresentar uma sucinta imagem daquilo que era o objecto de estudo no seu aspecto habitacional, dado que existem fortes possibilidades de os vestígios do sítio arqueológico do Outeiro corresponderem ao complexo de casas do casal.

O casal do Outeiro era constituído por um assento de casas que servia para moradia dos caseiros, para guarda do gado e alfaías agrícolas e armazenamento dos produtos de cultivo.

«Item tem este casal assento de casas, huã caza cozinha sobrada e telhada digo huã caza sobradada e telhada com huã cozinha pegada nella que tem de comprido dezasete varas, e de largo seis e meã // huã adega com hum alpendre, e lagar que tem de comprido onze varas, e de largo cinco // huã corte de gado com hum alpendre para a eira que tem de comprido nove varas, e de largo coatro // hum quinteyro de gado com cortes dentro tem de comprido catroze varas, e de largo nove // o palheiro da eyra que tem de comprido cinco varas, e de largo coatro.» (CVSSPS, K/18/6-47).

Das várias descrições dos espaços, apercebemos que a estrutura arquitectónica do assento das casas se mantém na sua base desde meados do século XVI (1555) até pelo menos ao início do século XVIII (1706). Surge-nos, no entanto, a dificuldade na identificação de todos os espaços suscitada pela variação descritiva do tombo e apegões. Não há um critério de descrição espacial contínuo e não há também uma coerência rigorosa na medição dos espaços perfeitamente identificáveis.

Apesar das adversidades, é incontestável a existência de um núcleo habitacional constituído por uma casa sobradada (casa de sobrado, com um andar) e telhada com uma cozinha pegada, uma adega com alpendre e lagar, bem como cortes de gado, palheiro e eira. Este complexo vai sofrer algumas transformações detectáveis pela comparação das várias descrições do casal. Assim, a casa sobradada até ao ano de 1706, sofreu transformações, deixando de ser telhada passando a ser colmada, com um pátio de pedra em frente. As transformações verificam-se também na adega do casal, que, pela mesma altura, deixa de ter essa função para passar a servir de cozinha.

O conhecimento deste complexo habitacional conduz-nos à possibilidade de se poder saber mais sobre ele se se procedesse à abertura de uma nova sondagem arqueológica, porventura mais alargada, nas proximidades da existente, que permitisse pôr a descoberto eventuais vestígios arqueológicos descritos nos documentos⁴.

2.4. A desamortização

O casal do Outeiro, no século XIX, vai passar por um processo que mergulha no contexto nacional e se iniciou com o Decreto de 30 de Maio de 1834. Com este decreto, foram extintas todas as ordens religiosas masculinas e nacionalizados os seus bens, deferindo-se golpes decisivos num processo que se arrastava desde as Cortes de 1821, a desamortização.

À semelhança de muitos outros, o Mosteiro de Paço de Sousa foi extinto em 1834 e os seus bens, entre eles o casal do Outeiro, passaram a ser administrados pela Fazenda Nacional. Passo a passo, foi-se alienando deles pela via da remissão ou arrematação pública, sempre sustentada num vasto e complexo processo normativo. No entanto, enquanto estivessem sob sua administração conservaram a sua natureza enfitéutica.

Pela Lei de 22 de Junho de 1846, a renda paga pelo casal do Outeiro ao Mosteiro de Paço de Sousa vai ser reduzida e convertida em numerário, deven-

⁴ Em anexo a este trabalho, publicam-se o tombo de 1555 e a apegão e vedoria de 1706.

do o enfiteuta pagar anualmente à Fazenda Nacional 690 reis. Em conformidade com o artigo 2º do Decreto de 21 de Novembro de 1852, vai ser requerida a remissão de parte do dito foro pela mão do seu possuidor António José de Barros⁵. Por carta régia de 27 de Novembro de 1854 o foro fica, assim, reduzido à quantia de 20 reis anuais de modo a manter a referida natureza enfiteutic (IANTT–AHMF, 10181aF).

Mais tarde, ter-se-á dado a remissão do foro na totalidade, consolidando-se na mesma pessoa os diferentes domínios. Infelizmente não foi encontrada a carta que o comprove, não se sabendo quando nem quem concretizou essa remissão. Provavelmente terá acontecido ainda na década de 50 do século XIX, um pouco à semelhança do que aconteceu com o casal do Cárcere (Magalhães, 2006:94-95).

3. Sucessores

Impõe-se nesta parte do trabalho uma referência àqueles que foram os sucessores do casal do Outeiro. São protagonistas de uma sociedade agrícola, na medida em que assumem uma relação institucional com o Mosteiro de Paço de Sousa, com o encabeçamento da renda, adquirindo com isso o domínio útil da terra e, por conseguinte, o poder que ela representa.

3.1. André Pires

O mais antigo sucessor que se achou notícia foi André Pires que, numa pequena referência de um mostrador de prazos do mosteiro, aparece como sendo primeira vida do prazo realizado em 1530 (CVSSPS, K/18/7-3). Em 1555, quando Frei Baltazar foi tombar o casal era ainda primeira vida juntamente com sua mulher em segunda. No entanto, por essa altura já o tinha dado em seu filho Francisco André e sua noiva como terceira vida.

«aos cinco dias do mes de Novembro do dito anno de mil, e quinhentos, e sincoenta, e sinco viemos os sobre ditos Frei Baltazar, e Francisco Gonçalves homem bom comigo notario ao casal do oyteiro que he na freiguizia de São João de Nespereira terra de Louzada o qual tras por prazo Andre Pirez, e he nelle primeira pessoa, e sua mulher em segunda, e o tem dado em terceira a Francisco Andre seu filho e sua no[i]va Catarina Fernandez em terceira pessoa» (CVSSPS, K/18/6-47).

3.2. Santos André e Lucrécia Antónia

Em 1579, vai ser feito prazo a Santos André e a sua mulher Lucrécia Antónia em primeira e segunda vidas. Pela relação patronímica, pressupõe-se que Santos André seja filho de Francisco André e neto de André Pires⁶. Quando faleceram a primeira e segunda vidas, Lucrécia Antónia a 25 de Janeiro de 1609 e Santos André a 21 de Outubro de 1612 (ADP, RON:184v e 185v), ficou em terceira vida seu filho Gaspar André.

3.3. Gaspar André

Gaspar André vai casar, quando ainda seus pais eram vivos, com Catarina Pedra, a 5 de Maio de 1605 (ADP, RCN – fl.143). Deste casamento resultaram dez filhos, a saber: Catarina, Santos, Maria, Antónia, Gaspar, Isabel, João, Antónia, Margarida e outra filha da qual não se sabe o nome⁷ (ADP, RBN – fls. 13 a 24). Vai falecer pobre a 8 de Agosto de 1643:

«Aos outo de Agosto feleseu Gaspar Andre hera pobre, seu filho Santos Andre lhe fes hum officio de sete padares hoje doze de Agosto do anno de mil et seicentos et quarenta et tres» (ADP, RON: 195)

⁵ António José de Barros, nesta carta de remissão, vai também remir o foro do casal do Outeiro na freguesia de Boim.

⁶ Os registos paroquiais não nos podem ajudar na identificação dos laços de parentesco, pois só há registos a partir de 1588 para a freguesia de Nespereira. De qualquer modo, é uma hipótese credível porque o patronímico André vai manter-se de forma sucessiva até que o prazo é vendido, em 1626.

⁷ Não surgiu o nome no registo de baptismo.

Gaspar André vai marcar a passagem para uma nova fase na evolução histórica do casal do Outeiro, uma vez que o vai vender a Pêro Gaspar de Cárceres, capitão-mor de Lousada, a 31 de Agosto de 1626 (CVSSPS, K/18/7-3).

3.4. Pêro Gaspar de Cárceres

Pêro Gaspar de Cárceres, senhor no casal do Cárcere, era natural de Sequeiros, freguesia de Santa Marinha de Lodares, e filho de Domingos Gaspar de Sequeiros e Maria Gonçalves de Sequeiros. Casou com Adriana Dias, a 31 de Julho de 1594, de onde resultaram seis filhos. Pêro Gaspar de Cárceres faleceu a 26 de Dezembro de 1651 e Adriana Dias a 31 de Outubro de 1657 (Op. cit., 2006:96-97).

3.5. Camilia de Cárceres

Sucede no Outeiro sua filha Camilia de Cárceres, nascida a 19 de Setembro de 1610, que vai obter renovação como primeira vida no casal, por doação que lhe fez sua mãe, Adriana Dias, a 31 de Janeiro de 1653. A segunda vida seria o primeiro marido com quem casar e terceira um filho de ambos. Não casando, podia nomear as vidas seguintes em pessoas da geração dela (CVSSPS, K/18/5-68). Ora, Camilia de Cárceres falece sem casar a 17 de Abril de 1653, sucedendo a ela seu irmão João de Cárceres.

«Camilia de Carceres feleceo digo filha de Andriana Dias faleceo aos dezasete de Abril de seis centos et sincoenta et coatro teve ao dia suas obradas acostumadas et hum officio de vinte padres fes testamento verbal deixou sua terça a seu irmão João de Carceres era ut supra» (ADP, RON: 199v).

3.6. João de Cárceres

João de Cárceres, filho de Pêro Gaspar de Cárceres e Adriana Dias, nasceu a 6 de Agosto de 1608 e casou, tinha 44 anos, a 21 de Agosto de 1652 com Ana Bessa. Faleceu a 5 de Maio de 1682, sem deixar descendência (Op.cit., 2006:97-98). Assim, vai doar e testamentar o casal do outeiro em seu sobrinho António Pinto Ribeiro.

«Aos 27 dias do mes de Abril do ano de mil 676 se deu authoridade a huma doassão e hum testamento que fez João de Casseres morador em freguezia de Nespereira do cazal do outeiro foreiro a este mosteiro na qual dava a Antonio Pinto Ribeiro sargento maior do Concelho de Louzada» (CVSSPS, K/18/7-3)

3.7. António Pinto Ribeiro

António Pinto Ribeiro, sargento-mor de Lousada, era filho mais velho de Domingos Gaspar de Cárceres, irmão de João e Camilia de Cárceres, e Paula Pinto. Nasceu a 14 de Maio de 1637 e faleceu a 23 de Janeiro de 1695. Casou com Maria Nunes de Sousa, de quem vai ter oito filhos. Sucede-lhe seu filho António Pinto de Sousa (op. cit., 2006:98).

3.8. António Pinto de Sousa

Filho de António Pinto Ribeiro e Maria Nunes de Sousa, António Pinto de Sousa nasceu a 21 de Maio de 1675. Casou com Dona Águeda Luísa de Meireles com quem teve seis filhos. Vai falecer a 23 de Dezembro em 1761, um ano depois de sua mulher, Águeda Luísa, que faleceu a 11 de Novembro de 1760 (op. cit., 2006:98-99). Um pouco à semelhança do que acontecerá com o casal do Cárcere, vai doar o casal do Outeiro a sua irmã Mariana Nunes de Sousa e seu cunhado Gonçalo de Oliveira, a 7 de Março de 1706.

«Aos 27 de Março de 1706 se deu authoridade a huma doação que fez Antonio Pinto de Souza a sua irmã Marianna Nunes de Souza cazada com Gonçalo de Oliveira em que lhe doara tudo foi feita nas notas do tabeliam Antonio Pinto Ribeiro em 7 de Março de 1706 no Concelho de Louzada» (CVSSPS, K/18/7-3).

3.9. Gonçalo de Oliveira e Mariana Nunes de Sousa

Mariana Nunes de Sousa, filha de António Pinto Ribeiro e Maria Nunes de Sousa, nasceu a 25 de Outubro de 1682 e casou a 26 de Abril de 1704

com Gonçalo de Oliveira. Deste casamento resultaram três filhos, a saber: António, Teresa Clara e Bernarda Luísa (op. cit., 2006:99). Vão obter renovação do casal do Outeiro a 7 de Abril de 1706 (CVSSPS, K/18/6-3). No entanto é pouco provável que lá tenham vivido pois, aquando deste contrato eram moradores na cidade do Porto, na rua das Flores. Em 1709, ano em que nasceu sua filha Bernarda, eram moradores no lugar da Senra, Nespereira, e aquando das suas mortes, Gonçalo de Oliveira a 5 de Dezembro de 1749 e Mariana Nunes de Sousa a 29 de Outubro de 1763, eram ambos moradores no Cárcere (op. cit., 2006:99).

A partir daqui surge-nos as dúvidas sobre quem sucede no casal do Outeiro. Entrando no campo das hipóteses com a consciência do elevado grau de erro que isso pode acarretar, é muito provável que tenham sido os filhos de Gonçalo de Oliveira e Mariana Nunes a sucederem no casal. Não tendo nenhum deles casado e assegurado descendência, tê-lo-ão passado a alguém da geração deles. O certo é que em meados do século XIX, o casal do Outeiro é possuído por António José de Barros, do qual pouco se conhece. Sabe-se apenas que, como seu legítimo possuidor, vai remir o foro à quantia de 20 reis anuais, por carta régia de 27 de Novembro de 1854, e que, juntamente com esta carta, obtém a remissão de um outro casal, também denominado de Outeiro, sito na freguesia de Boim.

4. Conclusão

Fazendo parte do Mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa, o casal do Outeiro foi sujeito ao típico modo de exploração agrária usado no Antigo Regime, a enfiteuse, e, com o liberalismo, enquadrrou-se no processo de tendência nacional, a desamortização.

Através dos contratos de emprazamento, o Mosteiro de Paço de Sousa alienava o domínio útil do casal do Outeiro em favor dos vários sucessores que, ao longo dos tempos o vão vitalizar, usufruindo das casas e explorando as propriedades, mediante o pagamento de uma renda consignada nos contratos enfiteutícos. Pela identificação da renda nos vários momentos, percebemos a sua evolução de tendência inflacionista, denunciando as benfeitorias e melhoramentos do casal. Pela descrição do tombo e autos de apegção, apurámos um complexo habitacional constituído por um assento de casas que, pelo menos desde meados do século XVI aos inícios do século XVIII, se mantém com uma estrutura base inalterável apesar de terem sido identificadas algumas transformações. Este complexo habitacional corresponde, muito provavelmente, ao sítio arqueológico estudado pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, em 2005. Assim, reitera-se novamente a importância que teria uma nova intervenção arqueológica no Cabeço do Outeiro, de forma a colocar a descoberto vestígios que permitissem compreender melhor a vivência deste habitat rural.

Bibliografia

Fontes documentais manuscritas

ADP_ Arquivo Distrital do Porto: Registos de Baptismo (RBN), de Casamentos (RCN) e de Óbitos (RON) de Nespereira e Cartório do Convento de São Salvador de Paço de Sousa (CVSSPS).

IANTT-AHMF_ Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças.

Fontes documentais impressas

DIAS, G.J.A.C. (2007) - *Memórias do Mosteiro de S. Miguel de Bustelo* (Fr. António d'Assunção Meireles). Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.

SILVA, A.D. (Dir.). (1846) - *Collecção Oficial da Legislação Portuguesa, 1846*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Fontes impressas

COSTA, Pe. A.J. (1993) - *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

LEITE, J. *et al* (2006) - Sondagem arqueológica em Nespereira – Lousada: resultados preliminares de uma intervenção de emergência. *Oppidum - Revista de História, Arqueologia e Património*. Nº1. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.11-46.

MAIA, F.P.S. (1991) - *O Mosteiro de Bustelo: Propriedade e Produção Agrícola No Antigo Regime (1638-1670 e 1710-1821)*. Porto: Universidade Portucalense.

MAGALHÃES, P. (2006) - A Casa do Cáscere. *Oppidum - Revista de História, Arqueologia e Património*. Nº 1. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.89-104.

NETO, M.S. (1997) - *Terra e Conflito. Região de Coimbra, 1700-1834*. Viseu: Palimage Editores.

NETO, M.S. (2000) - O Poder Central e os poderes locais na época pombalina. *Revista Século XVIII. As Origens do Estado Moderno*. Lisboa: SPES XVIII.

NETO, M.S. (2000) - Reconstituição da vida material de comunidades rurais em contexto senhorial: problemas, fontes e métodos. Sep. de: *A cidade e o campo*. [S.l.]: CHSC, p.41-53.

OLIVEIRA, A. (1980) - A Renda Agrícola em Portugal durante o Antigo Regime (séculos XVII e XVIII). *Revista de História Económica e Social*. Nº 6. Julho/Dezembro. Lisboa: Editora Sá da Costa.

SERRÃO, J. (1971) - *Dicionário de História de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Iniciativas Editoriais.

SILVA, A.M. (1993-1994) - Desamortização. In *História de Portugal*. Dir. José Mattoso. Vol. V. Lisboa: Ed. Estampa.

Documentos electrónicos

Base de dados do Arquivo Distrital do Porto [Em linha]. [Consult.20 Fev.2007]. Disponível em WWW:_URL_: http://www.adporto.org_.

É importante colocar em anexo a esta investigação alguns documentos que poderão servir de apoio e dar um importante contributo à arqueologia na medida em que fazem uma descrição pormenorizada das propriedades que constituíam o casal do Outeiro ao longo da Idade Moderna. São eles o tombo de 1555 e a apegação feita aquando da renovação do prazo em 1706.

Tombo de 1555 (CVSSPS, K/18/6-47)

(Fólio 157) Depois deste aos cinco dias do mes de Novembro do dito anno de mil, e quinhentos, e sincoenta, e sinco viemos os sobre ditos Frei Baltazar, e Francisco Gonçalves homem bom comigo notario ao casal do oyteiro que he na freiguizia de São João de Nespereira terra de Louzada o qual tras por prazo Andre Pirez, e he nelle primeira pessoa, e sua mulher em segunda, e o tem dado em terceira a Francisco Andre seu filho e sua no[i]va Catarina Fernandez em terceira pessoa confessou a propriedade ser do dito Mosteiro, e deu por seu homem bom a João Martins de sima de vila ao qual foi dado juramento dos santos evangelhos que bem e verdadeiramente visse medisse tombasse e ape-gasse todas as terras e pertenças que a este local pertencessem e ao caseiro que as amostrasse, e elles assim a prometeram fazer.

Item tem este casal assento de casas, huã caza cozinha sobrada e telhada digo huã caza sobradada e telhada com huã cozinha pegada nella que tem de comprido dezasete varas, e de largo seis e meã // huã adega com hum alpendre, e lagar que tem de comprido onze varas, e de largo sinco // huã corte de gado com hum alpendre para a eira que tem de comprido nove varas, e de largo coatro // hum quinteyro de gado com cortes dentro tem de comprido catroze varas, e de largo nove // o palheiro da eyra que tem de comprido sinco varas, e de largo coatro.

Item o reção e souto de par das casas, e oyteiro da costa parte de nascente a norte com o caminho que vai das casas deste casal para o monte, e do sul com terras dos casais da igreja digo, do sul com terras dos passais da igreja de São João de Nespereira, e do poente com o rego foreyro que vai para a igreja por dentro do campo, é de comprido noventa, e oyto nesta medida ficão as casas e reções,

e souto tem uveiras, e fruiteiras, e landeyros que serão trinta pes não se semeia nem he para pão.

Item o aido com o lameyro das vorgens, e o talhinho parte de nascente com o dito rego, e de norte também, e do poente com o lameyro deste com o ribeiro do chouzal, e do sul com as terras dos passais da dita igreja, e descera de fora tem de largo a esta parte trinta, e sinco varas, e ao norte vinte que anda em arco, e de comprido cento, e setenta tem fruiteyras, e uiveiras e carvalhos setenta pes de semeadura o que se sêmea, tres alqueires de trigo.

Item o soceto do juncal parte do nascente com terras do calzal de travanca e do norte com terras do casal de vila verde que he da igreja, e do sul tem o dito rego tem de largo a esta parte nove varas e ao sul vinte, e de comprido seçenta tem ameeiros dezaseis pes digo tem ameeeyros, e dezasete pes de castinheiros e uveiras não da pão.

Item o lameiro dalem com o lameiro da emxurreira parte do nascente (fólio 257v) do nascente, e norte com este, e do poente, e sul com terras do casal da Igreja tem de largo a esta parte vinte varas, e ao norte quarenta, e de comprido oytenta e duas tem uveiras do redor des pes se se semear levarão de semeadura dous alqueires.

Item o campo da Roçezinha parte do nascente com este, e com terras dos casais da Igreja, e do norte com terras do casal de Travanca, e sul e poente com este tem de largo a esta parte quarenta varas, e ao nascente sincoenta, e de comprido seçenta tem uveiras, e carvalhos vinte, e oyto pez de semeadura dous alqueires nesta medida esta a eira, e palheiro, e as uveiras de sima do vinho todas sam deste casal.

Item o campo do padrão parte do nascente com o monte, e caminho que vai para o carvalho darquas, e do norte na ponta com Travanca, e na chave com terras do casal da Igreja, e do poente ate a chave, e da chave por diante com este e do sul com o caminho que vai deste noventa varas tem de largo a esta parte, e ao norte dezaseis, e mea, e de comprido cento e trinta, e na chave do marco do canto ao de baixo vinte, e seis, e do marco pera o valo oito de semeadura oito alqueires.

Item o campo de felgueiras parte do nascente com terras dos cazais do mosteiro de Vilela, e do sul, e norte e poente com o monte tem de largo ao norte secenta, e seis varas, e ao sul seçenta, e de

comprido cento tem doze uveiras de semente seais alqueires // tem no monte de chentadoria dezaseis carvalhos com dous castinheiros // tem este casal a preza da vessada que he sempre sua izenta deste casal.

Item tem este casal suas entradas, e saidas, e caminhos, e chentadorias, e serventias, e montados onde e por onde sempre servio, e regou, e mont[], e por não ter mais que o sobre dito assinamos o que todos aos sobre ditos dia e mes e era Gaspar Barbosa notario Appostolico que a escrevi // Francisco Gonçalves homem bom // João Martins homem bom // Francisco Andre caseiro // Andre Pirez caseiro // Gaspar Barbosa // Frei Baltazar.

Apegação para o prazo de 1706 (CVSSPS, K/18/6-3)

(423v) Aos seis dias do mes de Abril do anno de mil, et sete centos, et seis em o lugar do Outeiro que esta sito na freiguesia de São João da Nespereira adonde eu o padre pregador Frei Antonio da Cruz (424) da Cruz fui por mandado do muito Reverendo Padre mestre o Doutor Frei Jeronimo Peixoto Dom Abbade do Mosteiro do Salvador de Paço de Souza pera aver de fazer vedoria e apegação do casal chamado do outeiro sito na dita freiguesia de São João da Nespereira o qual achei pessuido por Gonçalo de Oliveira, et sua mulher Marianna Nunes de Souza moradores na cidade do Porto por virude de huã doação que do dito casal lhe tinha feito seu Irmão e cunhado Antonio Pinto de Souza a qual estava authotizada pello dito Reverendo Padre Mestre Dom Abbade, et Religiosos do dito convento aos quais sobreditos Gonçalo de Oliveira, et sua mulher Marianna Nunes de Souza estando presentes dei o juramento dos sanctos evangelhos pera bem, et verdadeiramente dessem a esta vedoria e apegação todas as terras que pessuião (424v) pessuião do dito casal com combinação de que ficando alguas de fora ficarem livres para o Mosteiro as dar a quem lhe parecesse sem por isso se lhe baixar couza alguã da renda, et se louvassem em hum homem bom, et de sam conciencia pella sua parte pera com outro por parte do mosteiro medirem e apegarem todas as terras que por elles lhes fossem mostradas e que tudo prometerão fazer, et logo pella sua parte se louvarão em Manoel Moreira de Meireles do lugar de

vila verde da dita freiguesia de São João de Nespereira, et eu por parte do mosteiro me louvei em Manoel Vieira achegador do dito mosteiro aos quais estando presentes dei tambem o juramento dos santos evangelhos pera que bem, et verdadeiramente apegassem todas as propriedades que pellos ditos cazeiros lhe fossem mostradas, et lhe lansassem ou acrescentam o que em suas conciencias achassem me (425) merecido o que tudo hum e outro prometerão fazer na verdade e asinarão todos no fim desta vedoria comigo dia mes e anno ut supra # Item primeiramente huã casa sobradada e colmaça que antiguamente foi telhada que tem de norte ao sul seis varas, et meya, e do nacente ao poente sinco varas, e duas terças parte de todas as partes com terras do dito casal tem hum pateo de pedra com sua porta para o sul # Item logo pegado a escada huã casa terrea colmaça que tem do nacente ao poente sete varas e do norte ao sul sinco parte de todas as partes com terras do dito casal # Item outra casa colmaça defronte desta a parte do nacente que tem de comprido oito varas, et de largo tres, et meya parte de todas as partes com terras do dito casal # Item pegado a casa ao sobrado a parte do norte huã corte colmaça que serve de gado que tem de comprido oito varas, et meya, et (Fólio 425v) e de largo quatro parte de todas as partes com terras do dito casal # Item huã caza colmaça que antiguamente foi Adega, et hoje serve de cozinha tem do nacente ao poente sete varas e do norte ao sul sinco, et meya tem pella parte do nacente hum beiral parte de todas as partes com terras do dito casal # Item o rocio, et souto de par das cazas com oiteiro da costeira que antiguamente se chamava da costa demarcado por paredes, et rego que tem do norte ao sul pella parte do nacente cento, et duas varas, et pella do poente trinta, et quatro e do nacente ao poente pella parte do sul noventa, et pello do norte medido pello rego que vai para a Igreja cento, et quarenta parte do nacente, et norte com o caminho que vai deste casal para o monte, et serventia do sul, et poente com passais da Igreja da Nespereira levava de semente sinco alqueires tem arvores de vinho que darão des almudes tem landreiras que darão quinze alqueires de (Fólio 426) de landres tem duas oliveiras que darão huã canada de azeite tem duas laranjeiras dentro nesta medição ficão todas as sobre di-

tas casas, e a eira # Item o Aydo com o lameirinho das varges e o talhinho e o souto do juncal que no tombo esta em duas medições de marcado por ribeiro ribadas, et rego da Igreja que hoje se chama a vessada tem comprido do norte ao sul medido da ponta donde entra o rego da Igreja sempre em volta pella ribada do rego athe entestar nos passais da Igreja tresentas, et tres varas, e do norte ao sul medido do ribeiro athe a ponta do rego do chousal quarenta e duas varas, et meya, e da ponta do ribeiro sempre medido por elle asima athe a fonte, e da fonte pello carreiro asima ao redor da ribada do casal de vila verde athe a ponta rego adonde começou a mesma medição duzentos e oitenta parte do norte, et nascente com o dito rego, et terras de travanca do sul (426v) do sul com terras da Igreja de Nespereira, et do poente com o ribeiro do chousal, et terras do casal de vila verde foreiras a mesma Igreja que pessue Manoel Moreira levava de sementeira quinze alqueires tem arvores de vinho que darão trinta almudes tem castinheiros que darão sinco alqueires de castanha tem alguãs macieiras e alguns amieiros # Item o lameiro dos enxertos que se chamara o lameiro dalem demarcado por comaros, et ribeiro tem do nascente ao poente pella parte do norte quarenta varas e pella do sul vinte, e quatro e do norte ao sul pella ponta do ribeiro trinta, et seis, et pella do poente trinta, et sete parte do norte com terras do dito casal, e do nascente com o ribeiro do chousal do poente, et sul com terras do casal de vila verde foreiras a Igreja de Nespereira que pessue Manoel Moreira levava de sementeira hum alqueire tem arvores (427) arvores de vinho que darão hum almude # Item o campo da porta que no tombo se chama da rocezinha demarcado por marcos et comaros que tem do nascente ao poente pella parte do norte setenta varas, et pella do sul sincoenta, et huã, e do norte ao sul pella parte do nascente sincoenta e quatro, et pello poente medido em volta cento, et sinco parte do nascente com terras do casal de villa verde que são da Igreja de Nespereira que pessue Manoel Moreira, e do norte com terras de Travanca que pessue Catherina Pinta, e do sul, et poente com terras do dito casal levava de sementeira tres alqueires e meyo tem arvores de vinho que darão oito almudes # Item o campo do padrão demarcado por paredes comaros, et marcos que tem do nascente ao poente

(427v) poente pella parte do norte cento et sessenta e quatro varas, et pella do sul medido em volta duzentas et des athe a ponta do norte, et pella do poente cento, et nove e do norte ao sul pella do nascente digo cento, et nove parte do nascente com o caminho que vai para o carvalho de arque, e do norte na ponta com terras de travanca que pessue Catherina Pinta, e na chave com terras do casal da Igreja que pessue Manoel Moreira, et tambem do poente athe a chave e dahi por diante com terras do dito casal que pessue elle dito caseiro, et com o caminho # Item o campo de felgueiras demarcado por paredes, et comaros que tem de norte ao sul pella parte do nascente cento e vinte, et seis varas, et pella do poente pella parte do sul setenta e duas, et pella do norte noventa parte do norte com terras de Vilella (428) de Vilella, e das mais digo de Vilella que pessue Jose Ferreira et das mais partes com o monte # Item o souto do salgueiral demarcado por paredes canadellas, et marcos tem do norte ao sul pella parte do poente trezentas, et quarenta, et sete varas em volta, et pella do nascente em volta duzentas e oitenta, et quatro, e do nascente ao poente pella parte do norte vinte, et pella do sul outras vinte parte do nascente com terras de Santo Thirso que Manoel Jorge de Sá, e do poente com terras da Igreja de Nespereira que pessue Manoel Moreira do norte com terras de Travanca que pessue Catherina Pinta do sul com terras do mesmo monte que pessue Manoel Camelo de Sá, et com terras do dito casal tem castinheiros que darão des alqueires de castanha (428v) de castanha # Item huã sorte se mato em Felgueiras que tem do norte ao sul pella parte do nascente vinte varas et pella do poente cento e sincoenta e nove parte do norte com terras de Travanca e do sul com o caminho que vai para felgueiras e do nascente com terras do mesmo casal e do poente com a estrada que vai para o carvalho darques # Item a deveza de felgueiras demarcada por estradas tem do nascente ao poente pella parte do norte sessenta, et nove varas, e do norte ao sul cento, et noventa, et sete, e do nascente ao poente pella parte do sul (não diz a quantidade) varas parte do nascente, et poente com a estradas do norte com terras de diversas pessoas tem landreiras que darão doze alqueires de landres # Item outra deveza demarcada por canadellas parede, et estrada que tem

(429) que e tem do nacente ao poente pella parte do sul quarenta, et seis varas et do norte ao sul pella parte do poente vinte, et medida ao redor da parede athe a cansella do caminho sessenta varas parte do nacente com o caminho que vai para o cruzeiro do sul com a deveza de Goncallo Nunes do poente, et norte com terras dos passais da Igreja tem carvalhos et landreiras que darão sinco alqueires de landres # Item huã sorte se mato junto ao valado de felgueiras, outras sorte no campo do monte outra sorte entre os outeiros outra sorte junto a Santa Izabel outra sorte asima do valle, outra sorte abaixo do valle, outra sorte da alem do ribeiro pera a parte de Santa Marinha tem este cazal a preza da vessada que he toda sua e desserão elles ditos cezeiros que não tinham mais terras que dar nesta (429v) nesta

vedoria e apegção, et dellas pagavão por renda em cada hum anno quatro centos reis em dinheiro e duas galinhas, et huã franga, et pellos louvados foi dito merecião de acrescentamento huã franga com que pagarão daqui por diante aquatro centos reis em dinheiro duas galinhas, et duas frangas em cada hum anno, et de luctuosa por falecimento de cada vida deste prazo outro tanto como de renda de hum anno que elles ditos cazeiros aceitarão com que demos a vedoria por acabada e asinamos todos, et pella cazeira não saber escrever rogou a Francisco Gomes Borges da freguesia de Santo André de Christellos que por ella asinava, e conosco asinou dias e anno ut supra // Frei Antonio da Cruz // Gonçalo de Oliveira // Francisco Gomes Borges // Manoel Vieira.